COM O MELHOR DE PLAYBOY

EDITORA ABRIL — JULHO 1977 Cr$ 25,00

A REVISTA DO HOMEM

COMO VENCER A INDIFERENÇA DELAS.

O QUE O CAPITÃO COUTINHO TEM NA CABEÇA?

VOCÊ SABE O VENENO QUE ESTÁ COMENDO?

E SE HITLER GANHASSE A GUERRA?

JUSSARA, INGE E A DOMADORA NUA DE KING KONG.

MAIS: AS 12 MELHORES MULHERES DA NOSSA HISTÓRIA.

Shelton Extra Suave.

Suavidade com muito sabor.

Shelton. É outra classe.

Um produto Philip Morris.

DE HOMEM PARA HOMEM

Agora é a nossa vez de convocar a Seleção Brasileira. Ela só tem titulares, com muito jogo de cintura e talentos polivalentes, para atuar em qualquer esquema e endoidar o adversário. Sinceramente, duvidamos que essa nossa Seleção encontre adversário: ela é formada pelas doze mulheres brasileiras mais bacanas (pág. 35) que apareceram em **Homem** nestes dois anos de existência da revista. E não foi fácil escolhê-las, pois, em matéria de mulher, **Homem** só escala craques. Resolvemos esse problema através de eleições, diretas e livres, nas quais votou todo o pessoal desta redação. Entretanto, se você discordar do resultado final apontado por nossas urnas, pode nos escrever enviando seu voto.

Igualmente trabalhoso foi conseguir que Cláudio Coutinho nos desse uma entrevista. O técnico da Seleção Brasileira (a de futebol) receava parecer imodesto, se nos deixasse publicar suas opiniões sobre assuntos alheios à sua atual profissão. "Mas há muita curiosidade sobre o cidadão Cláudio Coutinho, o que faz e o que pensa quando a bola não está em jogo" argumentamos; e ele concordou. Assim, você, a partir da pág. 135, vai poder conhecer o lado até então oculto de Coutinho.

CLÁUDIO COUTINHO

E David Cardoso, esse nome lhe diz alguma coisa? Ele era um ator obscuro até há bem pouco tempo, quando passou a produzir seus próprios filmes, nos quais mescla tramas criminosas e mulheres excitantes, uma receita que vem resultando em notáveis sucessos de bilheteria. O perfil desse novo-rico do cinema brasileiro, escrito pelo jornalista Geraldo Mayrink, está na pág. 122.

E, nesta edição, você vai encontrar uma trama criminosa que por enquanto ainda não virou filme. É a história de uma caçada humana nas ruas de Nova York, em 1972. Joe Yack, um chefete da Máfia, ordenou a seus pistoleiros que eliminassem seu rival Joey Gallo. Acontece que um desses pistoleiros contou tudo a um jornalista, Paul S. Meskil E nós publicamos seu relato a partir da pág. 83.

O que teria acontecido se Esta frase tem sido o ponto de partida para excelentes obras de ficção fantástica. Selecionamos uma delas, do escritor (e comentarista político) inglês Frederic Mullally. Ele imagina o que teria acontecido se Hitler tivesse invadido a Rússia algumas semanas antes e, em conseqüência, conseguisse derrotar os Aliados na Europa (pág. 50). Outro tipo de ficção, bem diferente, é o que nos traz Dalton Trevisan com o conto *O Despertar do Boêmio*, uma pequena obra-prima de observação do cotidiano. Também com um pouco de ficção, uma pitada de memória e muitas doses de ironia, Aldir "Dois pra lá, Dois pra cá" Blanc escreve sobre o fascínio das empregadas domésticas (pág. 28), principalmente quando você (nós) é ainda um adolescente zero-quilômetro.

GERALDO MAYRINK

PAUL S. MESKIL

DALTON TREVISAN

DIAS LOPES

FREDERIC MULLALLY

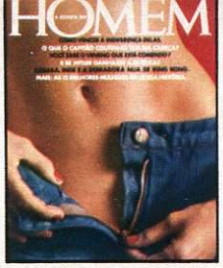
ALDIR BLANC

A partir da pág. 114 *(Tomou seu Veneninho Hoje?)*, José Antônio Dias Lopes, editor da seção "Ambiente" de *Veja*, faz uma séria advertência, para ser lida e meditada. Ele revela a lista de drogas e produtos químicos, alguns suspeitos e outros comprovadamente maléficos, que ingerimos como alimento de cada dia. E os perigos a que nos expomos por isso.

Agora, sonhe um pouco: depois de reunir as dezesseis milhas do depósito prévio, junte algumas outras e parta para uma temporada nas ilhas do Caribe (pág. 76). Damos apenas uma amostra do que você poderá curtir por lá, onde agora é verão e o mar está deliciosamente morno e transparente. Em compensação, se aqui é inverno, você nem precisará sair de casa para viver uma saborosa aventura: basta convidar aquela garota para ajudá-lo a preparar, à meia-luz, um sensual drinque flambado (pág. 64). Outra aventura, para o caso de a moça não estar disponível, é convidar os amigos para jogar pôquer. Mas só convide amigos, pois jogar com desconhecidos é arriscado. Por via das dúvidas, é mais seguro conhecer as manhas e os truques dos trapaceiros profissionais, a fim de evitá-los (pág. 102).

No jogo do amor, bem mais sério do que qualquer pôquer, conhecer o "adversário" é também fundamental. Pode, no mínimo, ajudá-lo a *derreter o gelo* de sua parceira. Táticas, técnicas e estratagemas para alcançar esse nobre objetivo podem ser encontradas a partir da pág. 110.

Aliás, esse negócio de derreter o gelo é com **Homem** mesmo. Conheçam por exemplo as duas novas fórmulas que oferecemos neste número: Inge, a garota do poster, que veio da Noruega, pertinho dos gelos polares. E Jussara, revelação nacional, que nada tem em comum com temperaturas inferiores a 36 graus centígrados. Aqueça-se, faça como King-Kong, uma surpresa que mostramos na pág. 105. E nos reencontre em agosto!



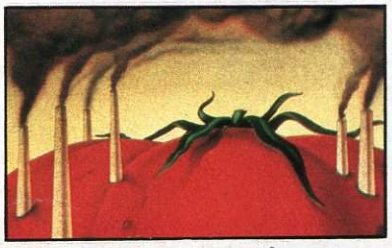
CAPA:
Foto de Arnaldo Klajn

ANO II N.º 24

A REVISTA DO HOMEM

As doze mais . . ., pág. 35

Se Hitler ganhasse a guerra ., pág. 50



Já tomou seu veneninho hoje? pág. 114

Salve as domésticas, pág. 38

David, o novo rei das telas, pág. 122

Mulher

As doze mais de **Homem**		35
Inge, a norueguesa		66
Jussara		97
Cristina e o King-Kong		105

Humor

Salve as domésticas	ALDIR BLANC	38
A tática	JULES FEIFFER	63
O vendedor de aspirador	SCHNEIDER	109
As piadas de **Homem**		140

Ficção

O despertar do boêmio	DALTON TREVISAN	44
Se Hitler ganhasse a guerra	FREDERIC MULLALLY	50
A imperatriz era uma parada		74

Artigos

Matem Joe Gallo. Depressa.	PAUL S. MESKIL	82
Golpes de mestre	ETTORE VINCENTI	102
Como derreter o gelo dela	FERNANDO CURY	110
Já tomou seu veneninho hoje?	DIAS LOPES	114
David Cardoso, o novo rei das telas	GERALDO MAYRINK	122

Entrevista

O que o capitão Coutinho tem na cabeça?		90

Serviço

Bebidas em chamas	EMANUEL GREENBERG	64
O maior segredo do Caribe		76

Seções

De homem para homem		3
Pontos de vista		7
Assessoria		10
Doce vida		12
Livros	GERALDO GALVÃO FERRAZ	16
Cinema	RUBENS EWALD FILHO	18
Música Brasileira	SÉRGIO CABRAL	21
Música Internacional	EZEQUIEL NEVES	23
Bazar		24
Política	CARLOS CASTELLO BRANCO	26
Sexcinema		130
Em cartaz		138

A REVISTA DO HOMEM É UMA PUBLICAÇÃO DA EDITORA ABRIL LTDA./GRUPO MASCULINO/REDAÇÃO, PUBLICIDADE, ADMINISTRAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA: AV. OTAVIANO ALVES DE LIMA, 800, TELS.: 266-0011 e 266-0022/CEP 01390, CAIXA POSTAL 2372, TELEX 011-22094 E 011-22115, SÃO PAULO/ESCRITÓRIOS: BELÉM: R. XV DE NOVEMBRO, 226, SALA 1313, EDIFÍCIO CHAMIÉ, FONE: 22-5507 BELO HORIZONTE: av. ÁLVARES CABRAL, 908, TELS.: 337-0351 E 335-0163, TELEX 031-1085, TELEGRAMAS: ABRIL PRESS/BRASÍLIA: SCS PROJETADA, 6, EDIFÍCIO CENTRAL, 12.º ANDAR, SALAS 1 201/8, TELS.: 24-9150 E 24-7116, TELEX: 061-1464, TELEGRAMAS: ABRIL PRESS/CURITIBA: R. MARECHAL FLORIANO PEIXOTO, 228, EDIFÍCIO BANRISUL, 9.º ANDAR, CONJS. 901/2, TELS: 23-0262 E 22-9541, TELEX: 041-5278, TELEGRAMAS: ABRILPRESS/FLORIANÓPOLIS: R. FELIPE SCHMIDT, 51, GALERIA JACQUELINE N.º 4, SALA 201, FONE: 22-8630 PORTO ALEGRE: R. VIEIRA DE CASTRO, 285, TELS.: 23-9502 E 23-9446, TELEX: 051-1092, TELEGRAMAS: ABRILPRESS/RECIFE: R. SIQUEIRA CAMPOS, 45, EDIFÍCIO LYGIA UCHOA MEDEIROS, CONJS. 204/5, TEL.: 24-4997, TELEX: 081-1184, TELEGRAMAS: ABRILPRESS/RIO DE JANEIRO: R. DO PASSEIO, 56, 6.º/11.º ANDARES, TELS: 244-2022, 244-2107 E 244-2152, CAIXA POSTAL 2372, TELEX: 021-22674/SALVADOR: R. ITABUNA, 304, PARQUE CRUZ AGUIAR, BAIRRO DO RIO VERMELHO, TEL.: 70-580, TELEGRAMAS: ABRILPRESS/DISTRIBUIDOR NOS EUA: M&Z REPRESENTANTES, 112 FERRY STREET, NEWARK, N. J. 07105, TEL.: (201) 589-2794/PREÇO DO EXEMPLAR AVULSO: O CONSTANTE NA CAPA. NINGUÉM ESTÁ CREDENCIADO A ANGARIAR ASSINATURAS: SE FOR PROCURADO POR ALGUÉM, DENUNCIE-O ÀS AUTORIDADES. LOCAIS/NÚMEROS ATRASADOS: AO PREÇO DA ÚLTIMA EDIÇÃO EM BANCA, POR INTERMÉDIO DE SEU JORNALEIRO OU NO DISTRIBUIDOR ABRIL DE SUA CIDADE. EM SÃO PAULO: AV. TIRADENTES, 1 391, TEL. 227-5636; R. SÃO DOMINGOS, 212/214, S/LOJA, TELS. 37-1665 E 370903; R. ANTONIO DE BARROS 841, TEL. 296-8812; R. JOÃO PEREIRA, 197, TEL. 260-4460; R. CLODOMIRO AMAZONAS, 896, TEL. 543-4207; R. DOMINGOS DE MORAES, 1851, TEL. 71-3501; R. BARÃO DE CAMPINAS, 452, TEL. 221-1867; R. OIAPOQUE, 91/99, TEL 92-1446; NO ABC: AV. INDUSTRIAL, 117 (SANTO ANDRÉ), TEL. 449-0411; NO RIO DE JANEIRO: R. SACADURA CABRAL, 141; PEDIDOS PELO CORREIO: CAIXA POSTAL 945, SÃO PAULO/TEMOS EM ESTOQUE SOMENTE AS ÚLTIMAS SEIS EDIÇÕES/TODOS OS DIREITOS RESERVADOS/IMPRESSA E DISTRIBUÍDA COM EXCLUSIVIDADE NO PAÍS PELA ABRIL S.A. CULTURAL E INDUSTRIAL, SÃO PAULO. **A REVISTA DO HOMEM** NÃO ADMITE PUBLICIDADE REDACIONAL/AS OPINIÕES DOS ARTIGOS ASSINADOS NÃO SÃO NECESSARIAMENTE AS ADOTADAS PELA REVISTA, PODENDO SER ATÉ CONTRÁRIAS ÀS MESMAS. REGISTRADA NA D.C.D.P. DO D.P.F. SOB O N.º 1439 – P. 209/73

© 1977 EDITORA ABRIL
© 1959, 1970, 1973, 1975, 1976, 1977 PLAYBOY AS TO MATERIAL PUBLISHED IN THE SEPTEMBER 1959, AUGUST 1970, DECEMBER 1973, MARCH, MAY 1975, APRIL, MAY 1976, APRIL, MARCH 1977. ENGLISH LANGUAGE ISSUES OF PLAYBOY. © 1977 PLAYBOY AS TO MATERIAL PUBLISHED IN THE FEBRUARY, 1977 ITALIAN LANGUAGE ISSUE OF PLAYBOY. PLAYBOY AS TO MATERIAL PUBLISHED IN THE PB CARTOON ALBUM N.ºs 1, 4 e 5

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Silvio Faria, Richard Civita, Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa

Diretor de Publicações Masculinas: Oswaldo de Almeida Filho

HOMEM
A REVISTA DO

REDAÇÃO
Diretor: Mário Escobar de Andrade
Editor Executivo: Décio Bar
Editores: Fernando Pessoa Ferreira, Geraldo Galvão Ferraz, Wilson Palhares
Assistente de Redação: Junko Yamanaka
Pesquisa: Len Berg

ARTE
Chefe: Carlos Grassetti; **Assistentes de Arte:** Lúcio Seiji Segawa, Mauro Massayúki Kawamura, Bernadete Barbosa Durães

PRODUÇÃO
Produtor de Texto: Carlos Roberto da Costa
Secretário de Produção: Néio Lúcio C. Nobre
Coordenador de Produção: Paulo Sposito;
Coordenadora de Publicidade: Sadako Sigematu

Colaboram neste número: Adalberto Cornavaca, Carlos Castello Branco, Ezequiel Neves, Fabiano Villanova, Fernando de Barros, Geráldo Mayrink, José Inácio Werneck, Marcelo Corção, Marco Antonio Rezende, Odillo Licetti, Pedro de Souza, Rubens Ewald Filho, Sérgio Cabral

Ilustradores: Afonso Giordano Neto, Alberto Naddeo, Brad Holland, Conceição Cahu, Gilberto Marchi, Gilberto Miadaira, Giovanni Mulazzani, Ignácio Gomez, Leroy Neiman, Nataniel Longo de Oliveira, Nilton Ramalho, Roberto Negreiros, Vincent Topázio, Ziraldo

ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Rio: Nélson Silva (chefe de redação), Wladimir Tavares de Lima (editor executivo), Eduardo Jorge Athayde, Elizabeth Romero, Odérfla S. Almeida, Regina Rito, Shirley C. O. Lima, Vera Lúcia S. Sastri (repórteres), Adhemar Veneziano, Aldyr P. Tavares, Italo C. Sani, Joel Maia e Lucio S. Marreiro (fotógrafos)
Brasília: Pompeu de Sousa (diretor), D'Alembert Jaccoud (chefe de redação), Carlos M. Dellape, Eliane Cantanhede, Álvaro Pereira, Hélio Marcos P. Doyle, José Ribamar Oliveira Jr., Marinilda Carvalho, Carlos H. Almeida Santos, Suzana Verissimo, Osvaldo Amorim, Valdimir Diniz, (repórteres), Luiz Humberto, Marcos Santilli (fotógrafos)
Porto Alegre: Luís Cláudio Cunha (chefe de redação), Adélia Yates Silva, Pedro Vitorino Maciel (repórteres), Ricardo de Leone Chaves (fotógrafo)
Belo Horizonte: Carlos Lindenberg S. Castro (chefe de redação), Gleizer Correia Naves, Mario Lara Leite (repórteres), Célio A. Oliveira (fotógrafo)
Curitiba: Hélio Teixeira (chefe de redação), Amilton Vieira (fotógrafo), Pedro Franco
Recife: José Maria Andrade (chefe de redação), Eduardo J. M. Ferreira, Ricardo J. D. Noblat, Terezinha Nunes da Costa (repórteres), Clodomir Bezerra (fotógrafo)
Salvador: Carlos Libório (chefe de redação) Paolo Marconi, Carlos Otávio Batestti (repórteres), Antônio Andrade (fotógrafo)
Correspondentes, Paris: Pedro Cavalcanti, **Bonn:** Carlos Struwe, **Londres:** Jader de Oliveira, **Washington:** Roberto Garcia, **Nova York:** Odillo Licetti, **Tel-Avive:** Alessandro Porro, **Genebra:** Claudius Ceccon, **Lima:** Augusto Montesinos, **Lisboa:** Sérgio de Oliveira, **Madri:** Eric Nepomuceno, **México:** Wladir Dupont, **Roma:** Marco Antonio de Rezende
Matérias internacionais: via Varig, Air France, Aerolineas Argentinas e British Caledonian Airways

SERVIÇOS EDITORIAIS
Diretor: Francisco Beltran/**Abril Press:** Judith Baroni (Gerente) e **Nova York:** Odillo Licetti (Gerente), 444 Madison Avenue, Room 2201, N.Y. 10022, telex EDABRIL 423-063, tel. (212) 688-0531 - **Paris:** Pedro de Souza - 214, Rue de la Convention - Phone: 250-9277 - França - **Milão:** Lydia Strafurini - Via Setembrini 45 - 20124 Milano - Phone: 278-659 - Telex: 34070 - Itália/**Documentação:** Antonio A. Ferreira, Dilico Covizzi, Jany C. Raschkovsky, Julio Cezar Garcia, Lauro Augusto C. M. Coelho, Lilian Baroni, Lizete T. Menezes, Maria Aparecida S. Marzo, Maria Ines Zanchetta, Marilia S. J. França, Marion A. Frank, Paulo R. Ribeiro, Rosania P. Santos, Sheila Ribeiro, Solange Padilha, Suzana C. Kfouri, Vicente Roig **Estúdio Abril:** Olga Krell (Diretora)/**Cartografia:** Gilberto Paschoal (Gerente)/**Laboratório Fotográfico:** Jussi Lehto (Gerente)

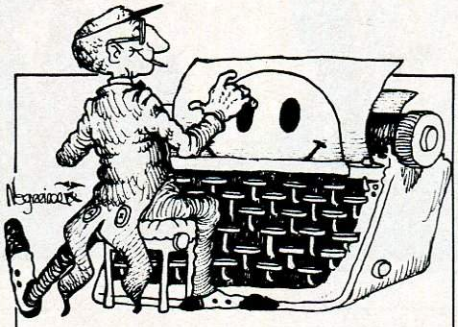
DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Sergio Benedicto Rosa
Supervisor de Publicidade: Efraim C. Kapulski
Representantes: Armando de Arruda Sampaio Filho, João de Mattos Smith Jr.

Gerente de Produto: Sérgio Gentile
Gerente Administrativo: Alexandre Daunt Coelho
Promoção e Propaganda: José Carlos Mádio

ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Belém, sub-gerente: José Mauricio Alves Fernandes
Belo Horizonte, gerente: Marisa Tavares Parreiras
Brasília, gerente: Luiz Edgard P. Tostes
Porto Alegre, gerente: Kleber Vieira Buhr
Recife, gerente: Edmundo Morais
Rio, gerente: Alvaro Ceciliano Fº
Representante: Juracy Costa
Curitiba, gerente: Aldo Schiochet
Florianópolis, sub-gerente: Geraldo Nilson de Azevedo
Diretor de Publicidade e Escrit. Regionais: Sebastião Martins

Diretor Responsável: Alexandre Daunt Coelho

PONTOS DE VISTA *a opinião dos leitores*



CONSAGRADOS E AMIGÕES

Escrevo contos humorísticos e artigos de sátira sobre fatos do dia-a-dia. Nunca tentei publicar coisa alguma, mas os amigos insistem em dizer que meus trabalhos são muito bons e que eu deveria enviá-los a alguma revista. Como sou leitor de **Homem** desde o primeiro número, cheguei a pensar em enviar-lhes uma amostra do que escrevo, mas um jornalista aqui do Recife me dissuadiu: "Aquilo lá é uma panelinha" disse-me ele. E afirmou que só conseguem colaborar em **Homem** os escritores consagrados, ou os amigões da direção da revista. Isso é mesmo verdade ou devo arriscar? **Thiago B. de Castro,** Recife, PE.

Queremos que todo novo escritor de talento seja um amigão de **Homem.** *Receberemos suas colaborações com o maior interesse: se aprovadas, elas serão publicadas e pagas. Só há uma condição: não nos peçam para devolvermos originais, nem para explicarmos por que determinadas colaborações não foram publicadas.*

MORDOMIA FEMININA

Gostei muito do artigo de Chico Santa Rita, em **Homem** de maio. Escrito em tom meio humorístico, irônico, reflete uma terrível verdade: a mordomia das mulheres, no Brasil, pela pensão alimentar. Como médico, ginecologista, lidando com mulheres há 23 anos (fora o tempo de interno), tenho visto casos verdadeiramente terríveis. Por que não se limitar a pensão alimentícia aos filhos com até 21 anos e à ex-cônjuge que seja incapaz de trabalhar. Se a lei está errada, por que não mudá-la? O golpe do baú será para sempre? O homem terá de pagar, e pagar, e pagar, por ter ido, meia dúzia de vezes, para a cama com uma mulher? Isso é justo? Por que não se estabelecer, como na França, uma pensão decrescente, e *por tempo limitado,* um ano, dois, no máximo, obrigando assim a mulher não inválida a trabalhar, a ser útil à sociedade (e a si mesma)? **Hermínio M. Macedo,** Rio de Janeiro, RJ.

ROSTO E CORPO INTEIRO

Gostaria muito de posar para a **Homem,** da qual sou leitora assídua. Já sei que, para isso, preciso enviar-lhes duas fotos, uma de corpo inteiro e a outra do rosto. Quero saber, porém, se essas fotos me serão devolvidas, caso o guru Fernando de Barros não aprove a minha pretensão. **Raquel C. de Melo,** Rio de Janeiro, RJ.

Não serão devolvidas. Mas isso não é importante, é?

QUERO A PÍLULA, JÁ!

Achei ótima a reportagem sobre a pílula do homem (**Homem** n.º 22, maio deste ano). Gostaria de saber quando ela estará à venda nas farmácias ou, então, que fazer para adquiri-la já. **Marcos de S. Abreu,** São Paulo, SP.

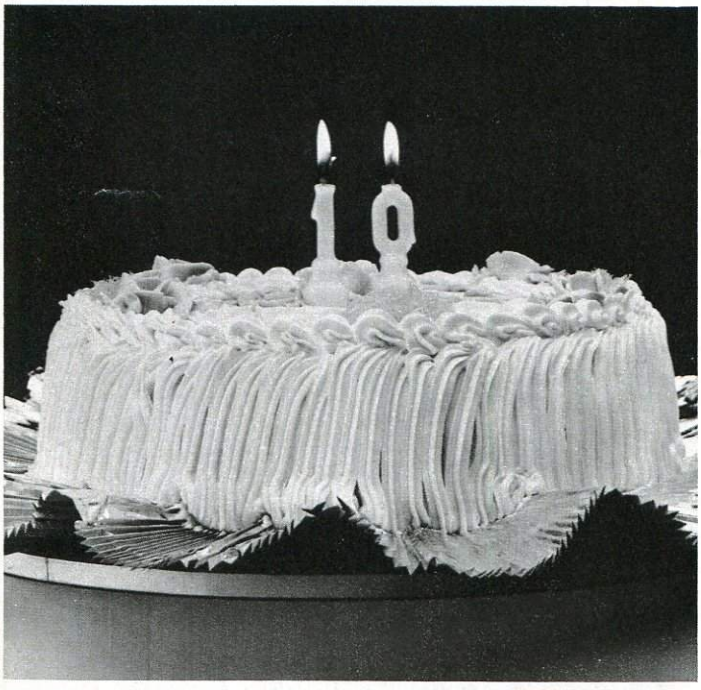
Como você leu na reportagem, a "nossa" pílula está ainda em fase de testes e seu lançamento no mercado ainda não tem data marcada. Maiores esclarecimentos você poderá obter escrevendo para o Centro de Pesquisas Clínicas em Reprodução Humana, rua do Limoeiro, 1, Salvador, BA.

CONFETES PARA A PATOTA

Leio **Homem** desde o seu primeiro número, mas, embora sempre tenha encontrado muitos assuntos de interesse, a primeira vez em que a revista me tocou profundamente foi no número 20, de março último, ao publicar a entrevista com o pessoal do *Pasquim.* É realmente lindo lindo, a garra, a honestidade e, sobretudo, o amor à arte de Ziraldo, Henfil, Jaguar, Millôr e Ivan Lessa. Não é à toa que eles são os melhores em tudo o que fazem. **Ocean,** Rio de Janeiro, RJ.

Ninguém sabe investir tão bem quanto eu.

Aplique no F



Aplicando no Fundo Itaú 157 você pega uma fatia deste bolo.

O Fundo Itaú 157 está comemorando os seus 10 anos de vida com mais de 700 mil cotistas, um patrimônio líquido que já ultrapassou a casa do 1 bilhão de cruzeiros e tem a menor taxa de administração da praça. Aplicando no Fundo Itaú 157 você pega uma fatia desse bolo que a cada dia que passa fica maior.

undo Itaú 157.

Aplicando no Fundo Itaú 157 você economiza tempo e gasolina.
Porque para aplicar no Fundo Itaú 157 você só precisa ir até qualquer agência do Banco Itaú (tem uma logo ali) e entregar o seu CCA (Certificado de Compra de Ações). Faça isso assim que a sua notificação do Imposto de Renda chegar.
As agências do Itaú ficam tão pertinho que você pode até ir a pé ou de bicicleta.

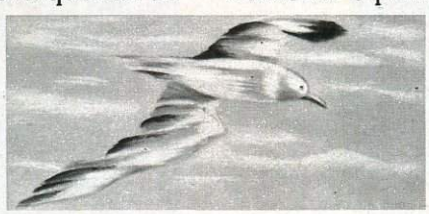
Aplicando no Fundo Itaú 157 você recebe informações sobre o seu investimento de 6 em 6 meses.
O Fundo Itaú 157 faz questão que você saiba quanto cresceu a sua fatia no bolo. Por isso, de 6 em 6 meses ele manda a posição do seu investimento para que você acompanhe tudo passo a passo.
Aplique seu CCA no Fundo Itaú 157 e verifique de 6 em 6 meses quanto você soube investir.

Itaú

O Fundo de quem sabe investir.

Este Ar Condicionado é muito melhor do que o seu!

Meu Condicionador é CONSUL. Garantido por mais de um quarto de século de experiência da Indústria de Refrigeração Consul. Você sabe, a mesma indústria que faz as geladeiras Consul, as mais vendidas em todo o Brasil. Comprove que, além da classe e da beleza, o Condicionador Consul facilita tudo. Você dirige o ar pra todos os lados com um alcance bem maior. Controla a temperatura à vontade. E pode limpar o filtro de maneira bem mais fácil, sem precisar remover o painel. E mais ainda: é totalmente silencioso, graças ao seu exclusivo "duto de insuflação" Por isso o meu Condicionador é muito melhor do que o seu! A não ser que você também tenha um Consul.



Consul

A marca da tranqüilidade.

Uma boa imitação sempre dá Ibope.

Tem uns vendedores que usam todos os truques e encenações para vender uma roupa para você.

Mas por baixo do pano uma sutil armadilha está preparada.

Você pode estar comprando, com toda inocência, uma imitação de Terbrim.

Para não colocar em risco sua popularidade, procure a etiqueta. Se a marca Terbrim está lá, pode comprar tranqüilo. Só com o legítimo Terbrim você assegura sempre uma boa imagem. Você enfrenta as correrias, abraços e multidões sem nunca ficar amassado.

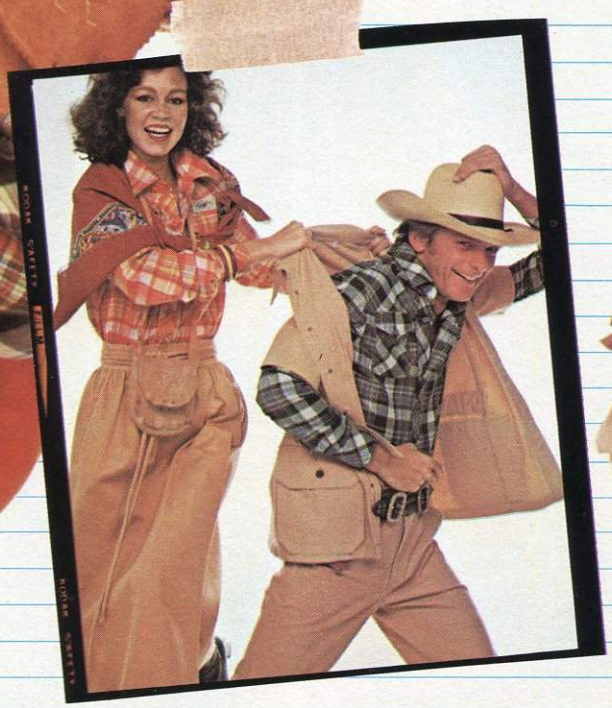
Terbrim é de poliéster e algodão, combinação que tem rapidíssima recuperação ao amassamento.

Além disso, qualquer tempo é bom para se usar Terbrim.

Portanto, se alguém tiver a ousadia de tentar vender uma imitação de Terbrim para você, não deixe por menos: dê uma tremenda buzinada no ouvido dele.

Mas uma imitação pode fazer você

de Terbrim
perder seu público.



Todo mundo gosta das imitações que o Agildo faz na TV. Mas, do que nem ele, nem ninguém pode gostar é de uma imitação de Terbrim. Só o legítimo Terbrim não coloca em risco o seu sucesso.

Terbrim

um produto

SANTISTA

Eristow, malícia & sedução.

Vodka Eristow põe vida nas coisas mais simples.

McCANN-ERICKSON

Chegou o radial de garra: G 800 Grand Prix.

Com a banda de rodagem mais larga.

A tecnologia Goodyear, que desenvolveu o pneu escolhido pelos campeões de Fórmula I, lança agora no Brasil o novo radial G 800 Grand Prix.

Garra na banda de rodagem mais larga. Mais garra na chuva. Mais garra na hora de parar.

Novo radial G 800 Grand Prix Goodyear A escolha dos campeões.

GOODYEAR

A escolha dos campeões

Ezequiel Neves

TRÊS DÉCADAS EM TRÊS DISCOS. TODOS ÓTIMOS

Trata-se, no mínimo, de uma gravação histórica. Lançado pela gravadora carioca Imagem, o LP **Miles Davis** apresenta em suas dez faixas o apaixonante encontro desse pistonista com o genial sax-alto Charlie Parker (1920-1955) em sessões gravadas nos idos de 1946 e 47. E os trinta anos que nos separam dessas faixas só aumentam seu imenso valor musical. Na verdade, clássicos como *A Night in Tunisia, Yardbird Suite, Don't Blame Me* e *Ornithology* permanecem como documento histórico da era do *bebop* — um dos períodos mais inventivos da história do jazz.

Além de Miles e Parker mergulharem em eufóricas e criativas improvisações, o LP conta ainda com as instigantes performances de músicos como Max Roach (bateria), Duke Jordan e Dodo Marmarosa (pianos) e Tommy Potter (contrabaixo). Mais: apenas o brilhante solo de Charlie (Bird) Parker em *Embraceable You* vale o preço do disco. E como se isso não bastasse, fica bem claro através do sopro de Miles que o pistonista já ensaiava os primeiros passos do revolucionário estilo *cool,* que seria desenvolvido anos mais tarde.

●

E graças também à gravadora Imagem, o ouvinte brasileiro pode dispor do segundo volume de outra raridade: **A Rare Batch of Little White Wonder,** de Bob Dylan. A primeira parte do LP foi lançada no ano passado pela mesma gravadora e por um desses inexplicáveis milagres que só acontecem no confuso mercado fonográfico nacional: *A Rare Batch* é composto de gravações "piratas" editadas clandestinamente nos Estados Unidos e na Europa. O proprietário da Imagem comprou os direitos de reprodução do LP de uma fábrica italiana espertamente batizada de "Joker" e pela primeira vez na indústria do disco um *bootleg* foi transformado em disco "oficial"

Gravadas em 66, as dez faixas do LP integram *The Great White Wonder,* o mais famoso disco-duplo pirata de Dylan que, a partir de 1969, apenas na América do Norte, já vendeu mais de 2 milhões de cópias. Apesar das deficiências técnicas — uma desagradável característica dos discos piratas — o LP traz o maior poeta jovem dos EUA em plena e descontraída efervescência. Dylan com seu violão, sua gaitinha e, sobretudo, com sua voz escandalosamente anasalada, desfila suas corrosivas composições e ainda outras assinadas por Woody Guthrie, Fred Hughes, Gordon Lightfoot e Morganfields. Este último, para quem não sabe, é o sensacional bluesista Muddy Waters, e o seu clássico *Baby Please Don't Go* foi exemplarmente recriado por Robert Zimmerman — aliás, Bob Dylan.

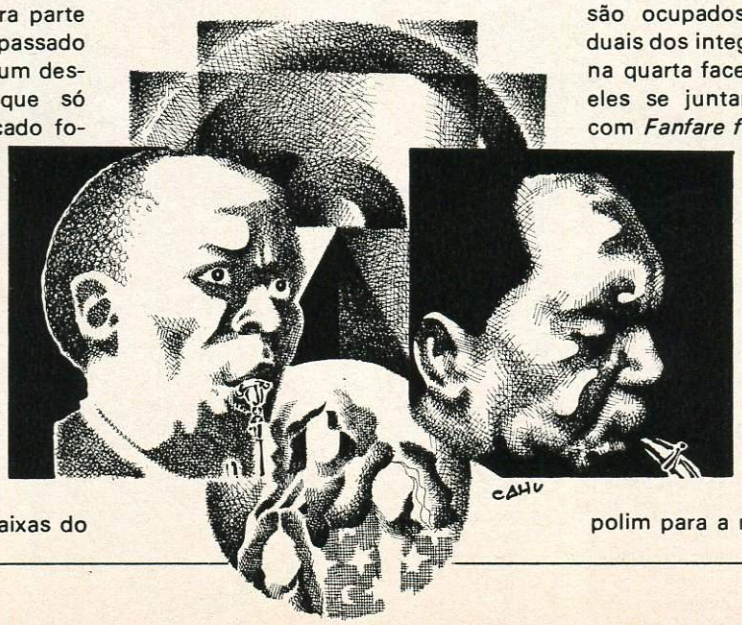
●

E depois desses ótimos exemplos da música feita nos anos 40 e 60, nada melhor que uma aterrissagem no "pop sinfônico" dos 70. O que tem sido feito de mais criativo neste gênero logicamente não traz as assinaturas dos classicosos Rick Wakeman, Genesis, Electric Light Orchestra, Yes e companhia ilimitada. Aliás, dos grupos britânicos que desde 1969 vêm explorando essa rendosa corrente, o trio Emerson, Lake and Palmer é o único a oferecer um trabalho realmente progressivo.

Sem pisar os estúdios há quase três anos, o ELP (Keith Emerson, tecladista e piloto de sintetizadores; Greg Lake, vocalista/guitarrista/baixista; Carl Palmer, baterista/percussionista) volta agora esbanjando inventividade no álbum-duplo **Works I,** lançado pela gravadora WEA. Sempre fiéis ao conceito de T. S. Eliot de que os clássicos só sobrevivem quando são interpretados com a linguagem do presente, Emerson, Lake e Palmer recriam com delirante bom humor — e muita sofisticação — obras de Aaron Copland *(Fanfare for the Common Man),* Prokofiev *(The Scythian Suite)* e J. S. Bach *(Two Part Invention in D Minor).*

Para um trio que já ofereceu mirabolantes leituras de Ravel, Mussorgsky e outros eruditos, esses compositores não chegam a ser um desafio. Mas depois de sete anos de carreira, o resultado atual transcende tudo o que o ELP havia feito antes.

Os três primeiros lados de *Works* são ocupados por trabalhos individuais dos integrantes do trio e apenas na quarta face do álbum-duplo é que eles se juntam para nos pulverizar com *Fanfare for the Common Man* e *Pirates.* Apesar dos trabalhos solos serem realmente impecáveis, fica nítido que o ELP integrado funciona de maneira explosiva. E, melhor ainda, nada soa gratuito. Estamos diante de um trio inventivo ao extremo e que sabe fazer da parafernália eletrônica um trampolim para a música do futuro.



MARIAS, DENEUZAS, MATILDES E TODAS AS DEMAIS, ANÔNIMAS SEDUTORAS DE FORNO E FOGÃO, NOSSAS BRAVAS INICIADORAS

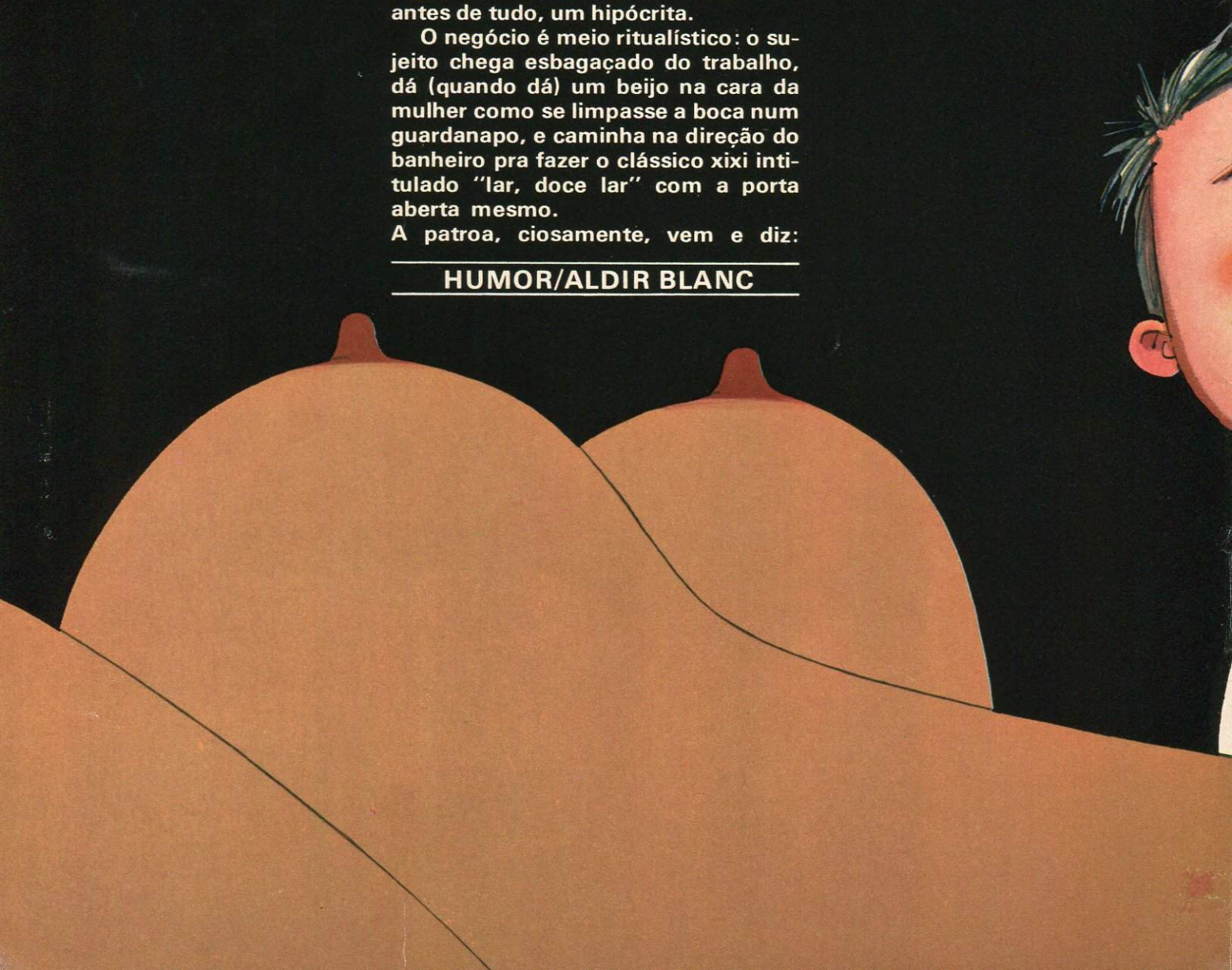
SALVE AS DOMÉSTICAS!

Irmãos: em se tratando de empregadinhas domésticas, o patrão é, antes de tudo, um hipócrita.

O negócio é meio ritualístico: o sujeito chega esbagaçado do trabalho, dá (quando dá) um beijo na cara da mulher como se limpasse a boca num guardanapo, e caminha na direção do banheiro pra fazer o clássico xixi intitulado "lar, doce lar" com a porta aberta mesmo.

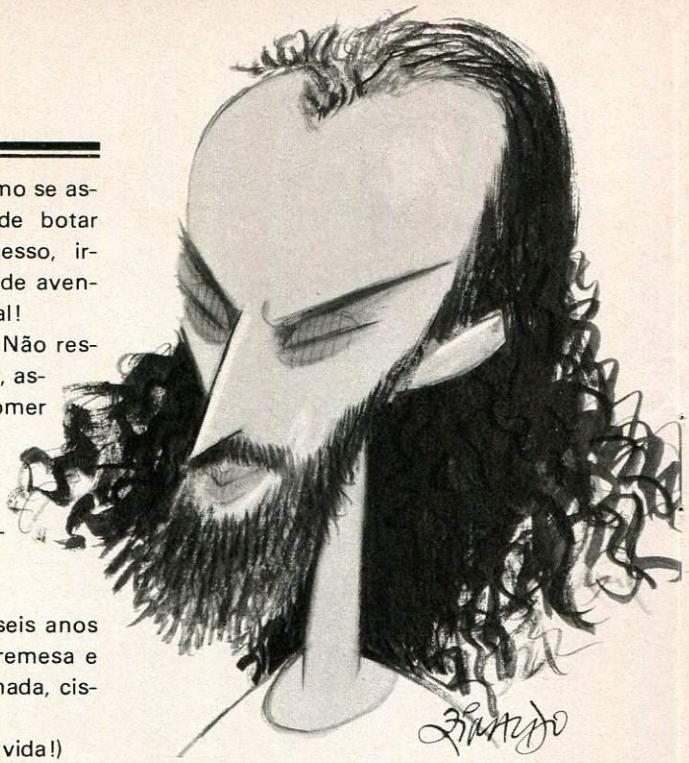
A patroa, ciosamente, vem e diz:

HUMOR/ALDIR BLANC



ILUSTRAÇÃO/ZIRALDO ALVES PINTO

O QUE LHES FALTA EM PEDIGREE SOBRA-LHES, FELIZMENTE, EM SAFANAGEM



— Fecha a porta que tem empregada nova. Dolores.

É o bastante. O fauno ressurge das cinzas de uma tarde na repartição. Após as três sacudidelas de lei, um novo homem guarda carinhosamente o taco e, virando-se para o armário de espelho, treina uma ou duas expressões canalhas. Depois, contrariando todos os seus hábitos, dirige-se, levemente inquieto, à cozinha pra um copo d'água gelada.

(Que azar, cacete!)

Dolores estava no quarto dela. Nosso herói volta pra sala de jantar e abre o jornal com fisionomia austera. Mas se trai.

— Ué! Nunca te vi ler jornal e assobiar ao mesmo tempo.

— Assobiando? Eu? Tá maluca?

— Tava assobiando, meu bem. E o gaiato é que era um bolero, desses meio Anísio Silva.

— Ora, neguinha Você sabe que eu sempre detestei essas musiquinhas.

(Putz! Que mancada! E logo Anísio Silva. Melhor tomar um uisquinho.)

Outro erro. Ele, que não mexe uma palha em casa, levanta-se, impávido, pra buscar o gelo. Ela:

— Que qui foi?

— Nada. Vou buscar um gelinho.

— Deixa que eu apanho.

(Merda!)

Terminado o uísque, resolve apelar:

— Esse jantar sai ou não sai?

— Hiii, cê hoje tá atacadinho. Dolores, pode servir!

(Pô! Até que enfim!)

Batuca na mesa, ajeita os talheres, muda o paliteiro de lugar, e, finalmente, quando a Dolores entre com a sopeira, pigarreia tão alto que ele mesmo se assusta: um mulataço capaz de botar qualquer casamento em recesso, irmãos. Manga-larga, fogosa e de avental. Ai, aquilo tudo só de avental!

O jantar é uma catástrofe. Não responde às perguntas da mulher, assobia de novo, esquece de comer e, pra disfarçar, lançando mão de todo o seu mau-caratismo, torce o nariz:

— Meio salgadão. E a sobremesa?

(Vem, Dolores!)

— Você é engraçado. Em seis anos de casado nunca aceitou sobremesa e hoje, logo hoje que não tem nada, cisma de querer.

(Seis anos de casado é uma vida!)

Começa a perder a calma:

— E daí? Você era virgem até os dezenove anos, aí eu apareci e você deixou de ser. Que qui tem o bozó com as calças?

— Benício!

— Tá legal. Desculpe. Dia desgraçado no escritório. Pede o cafezinho.

(Dolores Sierra nasceu em Salamanca à beira de um caaaais . .)

Tentando conferir a mala de Dolores por cima da xícara, nosso herói queima a língua.

— Tá quente pra cachorro!

— Mas é assim que você gosta, Bê!

(Ô apelidozinho cretino!)

— Peralá! Eu gosto quente, admito, mas esse aqui nem no inferno.

Enquanto Dolores tira a mesa, Benício fica ligeiramente vesgo: um olho na televisão, outro na tanajura. Eis senão quando

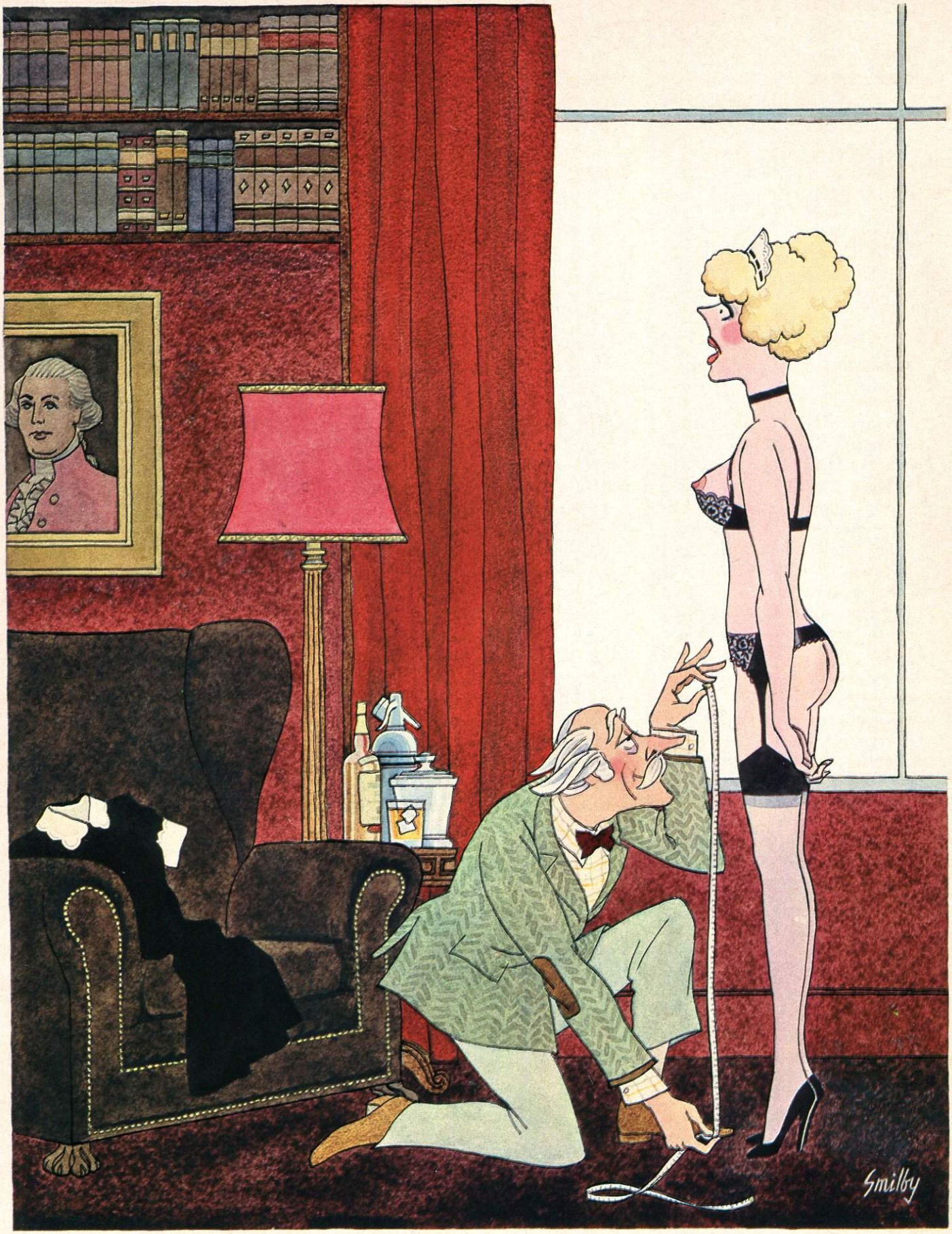
(Ela riu! Ela levantou os olhos e riu pra mim! Ai, minha Santa Rita Durão, padroeira dos atrasados, valei-me!)

•

Irmãos, empregada boa me lembra aquele manifesto: um fantasma ronda o apartamento.

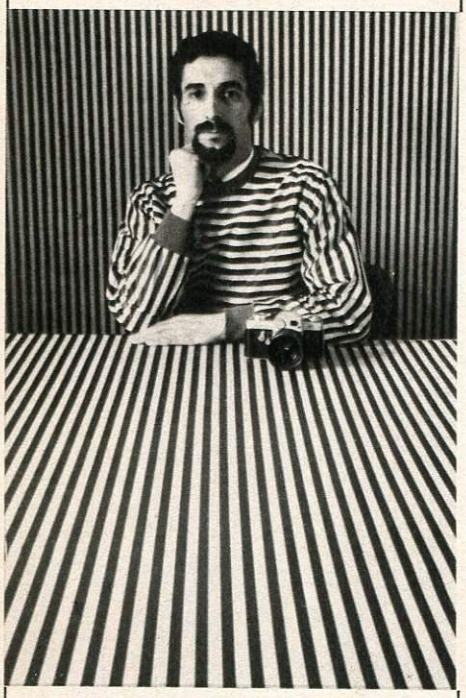
O Benício não tem culpa. Todos nós fomos criados assim. Pode ser machismo, porco-chauvinismo, sei lá, mas somos todos parados numa doméstica. Talvez porque, em numerosos casos, foram elas nossas generosas iniciadoras nas artimanhas do sexo. Ah, muros, árvores, postes, portões, escadas,

ALDIR BLANC MENDES, *30 anos, voltou a trabalhar como psiquiatra, mas não em tempo integral, pois isso iria deixá-lo sem tempo para a música popular. Acontece que ele é hoje um dos melhores letristas do Brasil.*
Há algum tempo, o Pasquim *começou a publicar histórias de Aldir, casos engraçados dos subúrbios cariocas, como Vila Izabel, onde ele nasceu e cresceu em meio aos seus personagens favoritos: bambas das sinucas, do samba e das peladas. Quando o convidamos a escrever um artigo para* **Homem,** *Aldir alegou que não sabe fazer nada sob encomenda: "Se fizer não vai prestar" Mas fez e o resultado foi uma das matérias de maior sucesso de nosso número de maio* (Cafona sim! E daí?). *Imediatamente encomendamos um segundo artigo. Este. Escrito naquela linguagem ferina e com aquele lírico cinismo que Aldir Blanc tão bem utiliza nas letras das músicas que faz em parceria com João Bosco. Trata-se sem dúvida do primeiro grande intérprete da ironia tipicamente carioca, surgido após o desaparecimento de Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta.*
Aldir Blanc e João Bosco estão agora preparando um disco com músicas inspiradas nas histórias do repórter policial Octávio "Pena Branca" Ribeiro (Barra Pesada). *Aguardem o disco. E o próximo artigo.*



– O senhor é muito gentil, patrão, mas eu achava que meu antigo uniforme já estava ótimo.

APRENDA
FOTOGRAFIA



CURSO CAMERA
POR CORRESPONDÊNCIA

Você pode fotografar como os profissionais. E rapidamente.
É só ingressar no dinâmico CURSO CAMERA de fotografia:

- mais de 400 páginas impressas
- mais de 600 fotos explicativas
- dezenas de desenhos didáticos

E aprenda tudo sem sair de casa.

GRÁTIS
Mande o cupom abaixo preenchido ainda hoje e receba gratuitamente um folheto informativo do CURSO CAMERA

CAMERA PHOTOAGENTUR
CAIXA POSTAL 22260
CEP 01000 SÃO PAULO, SP.

CAMERA

Nome

Endereço

N.º

Bairro CEP

Cidade Estado

CAMERA PHOTOAGENTUR
CAIXA POSTAL 22260
CEP 01000 SÃO PAULO, SP.

H 777

CONHEÇO UM COMPOSITOR QUE FOI AMAMENTADO PELA EMPREGADA. ATÉ OS 25 ANOS

vãos-de-lojas, corredores, terrenos baldios, e até — mas só em último caso — camas!

São elas as responsáveis por maravilhosos vôos de nossa fantasia pro resto da vida, porque todo e qualquer contato com essas doces aves de subúrbio, com essas flores simples de quintal é inesquecível: o que lhes falta em *pedigree,* sobra-lhes, felizmente, em sacanagem.

Meu primo Tininho, por exemplo, perdeu a virgindade — ou melhor, livrou-se dela — no corpo da fabulosa Deneuza, um metro e cinquenta e cinco de picardia. Quando a mãe dele voltou das compras, Tininho ainda estava no meio das lições, entre suspiros, ais, frangos-assados, carros alegóricos e cachorrinhos-na-porta-da-igreja. Dona Rufina, senhora de classe, sentou-se na sala, terço nas mãos, e esperou o festival terminar. Quando o Tininho apareceu, suado, vermelho e com um riso apalermado na cara, foi interrogado à queima-roupa:

— Onde o senhor esteve?

— Jogando bola.

— No quarto da empregada?

Tininho ficou verde. Vitoriosa, dona Rufina tentou o tiro-de-misericórdia:

Basta olhar pra tua cara pra ver que a carapuça entrou.

Tininho, na confusão, deu este primor de resposta:

— Entrou, mãe. Não vou mentir pra senhora. O gozado é

— Gozado? O que qui é gozado, seu sem-vergonha?

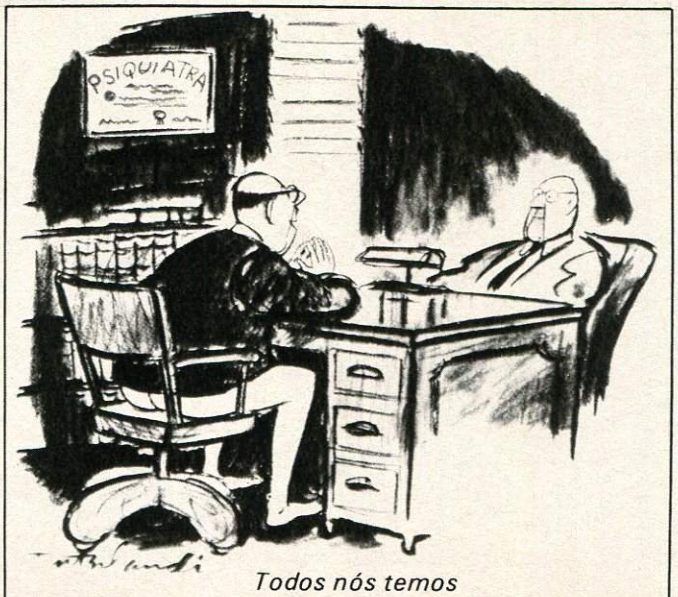
— A Deneuza chamou ele de uma porção de nomes, mas carapuça eu aprendi com a senhora.

É ou não é um começo invejável?

Eu manjo um compositor que foi amamentado pela empregada. Vocês dirão: aí é outro departamento. E eu concordaria, desde que o jovem artista não tivesse prosseguido nesta salutar prática até a idade de vinte e cinco anos, quando foi flagrado pela noiva.

●

A doméstica é o ópio do patrão, principalmente dos metidos a moralistas. Seu Raulino foi um dos mais sérios moradores da Rua dos Artistas de todos os tempos. Só aparecia na janela de colete e gravata, olhar firme e altivo, postura impressionante, como se estivesse na gávea de um antigo navio baleeiro. E sem calças. Nós, da rua, de nada sabíamos na época, mas seu Raulino, que trocava de empregada quase diariamente, jamais usou calças no recesso sacrossanto de seu lar. E quando entardecia, aproximava-se, nesses hum trajes, da empregada e soprava-lhe no ouvido:



Todos nós temos as nossas manias, seu Gerubal.

Com PALcolor Telefunken você percebe até o sorriso amarelo do jogador quando é pego em flagrante.

O jogador profissional começou a tirar o ás da manga e descobriu que todo mundo percebeu.

Então ele sorriu.

Quem tem um PALcolor Telefunken viu que era um sorriso amarelo.

De fato, o PALcolor Telefunken não transmite apenas imagens, transmite também emoções.

Isso porque as suas cores - as cores da vida - e seu puríssimo som FM fazem você participar do programa.

Só o PALcolor Telefunken é capaz disso.

Afinal, foi a Telefunken quem criou o sistema PAL de transmissão em cores adotado no Brasil.

Portanto, conhece-o a fundo e sabe como obter dele os melhores efeitos.

E não é só isso.

O PALcolor Telefunken tem a tecnologia mais avançada, o mais elevado grau de automação, maior número de circuitos integrados, chassis totalmente transistorizados, alto-falante frontal mais pesado. E o exclusivo sistema Aureomatic, que dá mais calor e naturalidade às cores.

Você encontra toda esta qualidade no tamanho que desejar, pois a Telefunken tem a mais completa linha de televisores a cores: com 36, 47, 51, 56, 66 e 67 cm. Sendo que os modelos de 56, 66 e 67 cm contam com o sistema Varicap, que permite a você mudar de canal a um simples apertar de tecla.

Mas o PALcolor Telefunken continua bonito mesmo desligado. Seu móvel de linhas sóbrias e modernas combina bem com qualquer decoração.

Agora, se você pensa que é só por tudo isso que o PALcolor Telefunken é televisor para ninguém botar defeito, está enganado.

A Telefunken submete-o aos mais avançados e rigorosos testes de qualidade e desempenho.

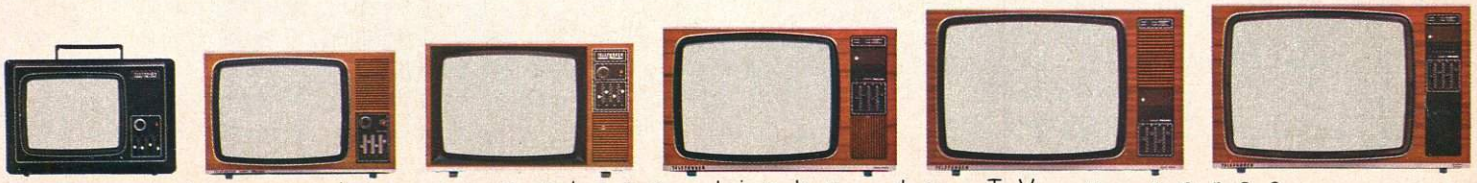
Para ter certeza de que não irá dar problemas em sua casa.

Do contrário, ela teria de receber sua reclamação com um sorriso amarelo.

A Telefunken jamais quer passar por esta sensação penosa.

TELEFUNKEN

Você pode confiar na nossa imagem.



A mais completa linha de TV a cores.

— Vai ali no bicheiro e joga esse conto no 33. É dezena da cobra.

Perversão? Sei não. O fato é que sinceridade, irmãos — quarto de empregada é afrodisíaco. Aquela mistura de perfumes baratos, as fotonovelas amarfanhadas, o vidro de Henê, grampos, vaselina (ah!) e, de repente, os olhos batem numa calcinha largada displicentemente.

Isso já aconteceu com você, hipócrita, e eu vou dar uma de Sherlock e reconstituir seus passos: você ficou olhando a calcinha e vibrou ao ver que era dessas bem "cumé-que-cabe-tanta-carne-aqui". Depois, você começou a imaginar a calcinha nela. Aí, te deu vontade de pegar. Indecente porém precavido, você foi se certificar se as portas estavam trancadas por dentro. E, então, você voltou ao quarto, pegou a pecinha, virou-a de um lado, e de outro, e hein?. Não adianta me desmentir! Não foi só uma vez, seu calhorda! Sabe o que qui tu é? TARADO!

NÍVEA LEVANTAVA UM DESSES FLORIDOS VESTIDINHOS E ME DEIXAVA VER. SÓ VER

●

Calma, não precisa ficar assim, meu irmão. Se isso te consola, eu também sou. Que nem um Baudelaire de porta-de-venda, declaro vocês, leitores hipócritas, meus semelhantes, meus irmãos.

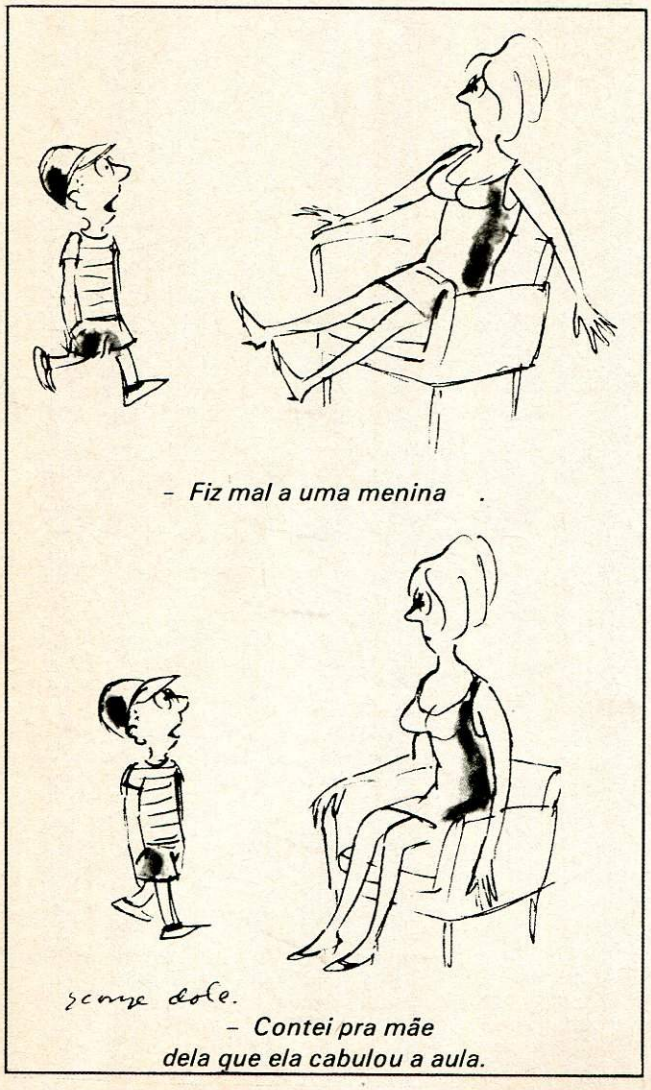
Eu, pecador, me confesso: mal tinha saído das fraldas, em plena catapora, por uma arrumadeira lá da Vila, a Maria Luiza, tantas foram descascadas, que tiveram de chamar o médico da família, o doutor Waladão, celibatário e membro da Congregação Mariana. Eu tava num miserê de fazer gosto e o esculápio não entendeu nada. Até que viu, num canto, modesta como ela só, a Maria Luiza.

— Quem é essa?

— É a arrumadeira — respondeu minha avó Noêmia.

Doutor Waladão foi definitivo:

— É melhor mandar essa jovem embora. Com ela aqui, esse garoto vai sumir.



– Fiz mal a uma menina .

– Contei pra mãe dela que ela cabulou a aula.

E, pra surpresa geral, ele, um membro da Ordem do Carmo, suspirou:

— Eu, no lugar dele, faria o mesmo.

Mais tarde, foi a exótica Nívea. Submissa e silenciosa feito uma escrava, lindos pés bailarinos de cultos que até Oxalá desconhece. Nívea levantava um desses floridos vestidinhos caseiros e me deixava ver. Só ver. Foi outra loucura. Tomei doze caixas de Gadusan na veia. Tive sombra no pulmão. E, ainda por cima, acordava a casa toda aos gritos de deixa eu pegar só um pouquinho.

●

Irmãos: sei que vocês estão ansiosos. As chamadas fornicações começaram na adolescência com Matilde. Era tudo bastante estranho porque ela agia como se não tivesse acontecendo nada de mais. Vai ver, ela é que tava com a razão. Na pia da cozinha, Matilde descascava (calma!) legumes, cortava bifes, e tal-e-coisa. Eu vinha quietinho por trás, levantava a saia dela, arriava a calcinha e ela hum ajeitava a coisa, abrindo um pouquinho uma perna, empinando discretamente o lombo, essas manobras, enquanto conversávamos o tempo todo sobre música, futebol, o que eu ia ser quando crescer, a casa dos pais dela em Rocha Miranda . Ótimo papo, a Matilde.

Irmãos: elas, as domésticas, não têm consciência da própria força. Em cada lar, rua, praça, porta de colégio, supermercado, ensaio de escola de samba, em todo lugar existe um burguês sofrendo por uma dessas gostosíssimas tentações proletárias. Elas é que provocam a única potência emergente que eu respeito. Por elas, um dia, nos desengravataremos, batucaremos em mesas de botequim, coçaremos o saco orgulhosamente.

O senhor aí, qualé sua graça? Peçanha? Pois eu te batizo Pepê da Dinorah. É muito mais bonito, muito mais brasileiro, pomba!

Do alto de meu fogão, eu brado: Domésticas de todo o mundo, uni-vos! Patrões, mandar é triste. Avacalhêmonos, pois, em nome da justiça social e do prazer! Abaixo a discriminação! Viva o mulatório! Evoé, Baco! Balaco, Baco!

Ah, sim: irmãos, antes que eu me esqueça, fumo Continental. Até breve.

As doze mais de Homem

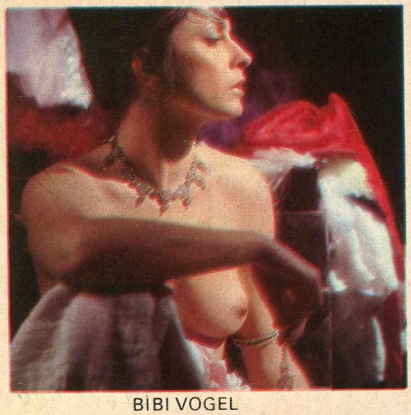
Elas foram escolhidas em eleição direta. Mas, desta vez, os eleitores fomos nós. E não foi moleza eleger as doze brasileiras mais bacanas dos dois primeiros anos de **Homem**.

MARIA CLÁUDIA

LOURÊNIA

SCARLET MOON

ESMERALDA


BIBI VOGEL

NEIDE

LEILA

SUSANA GONÇALVES

LÍVIA

DARCY

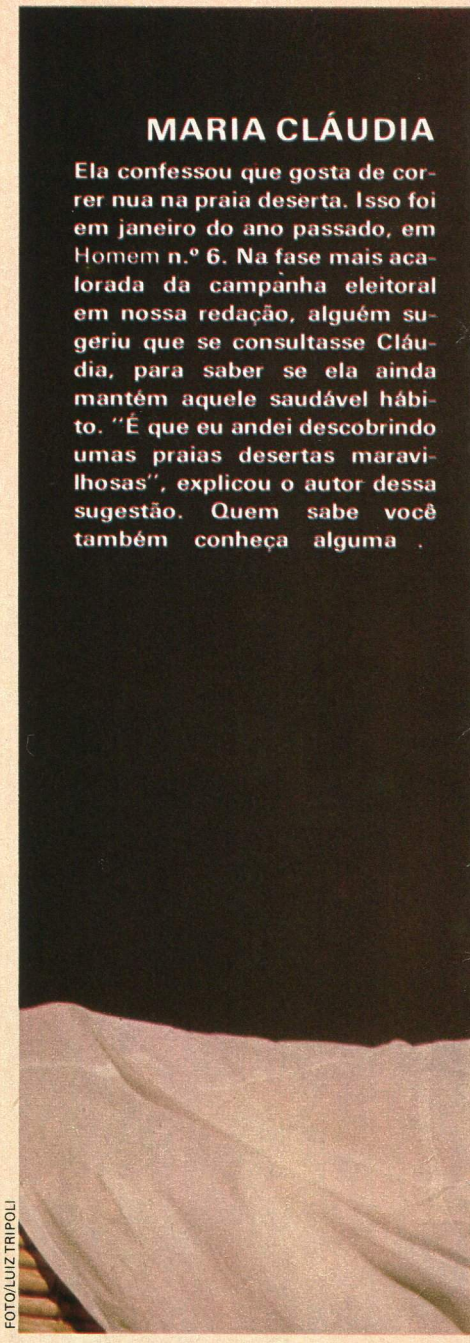
MARINA MONTINI

FERNANDA BRUNI

FOTO/ROGER BESTER

MARIA CLÁUDIA

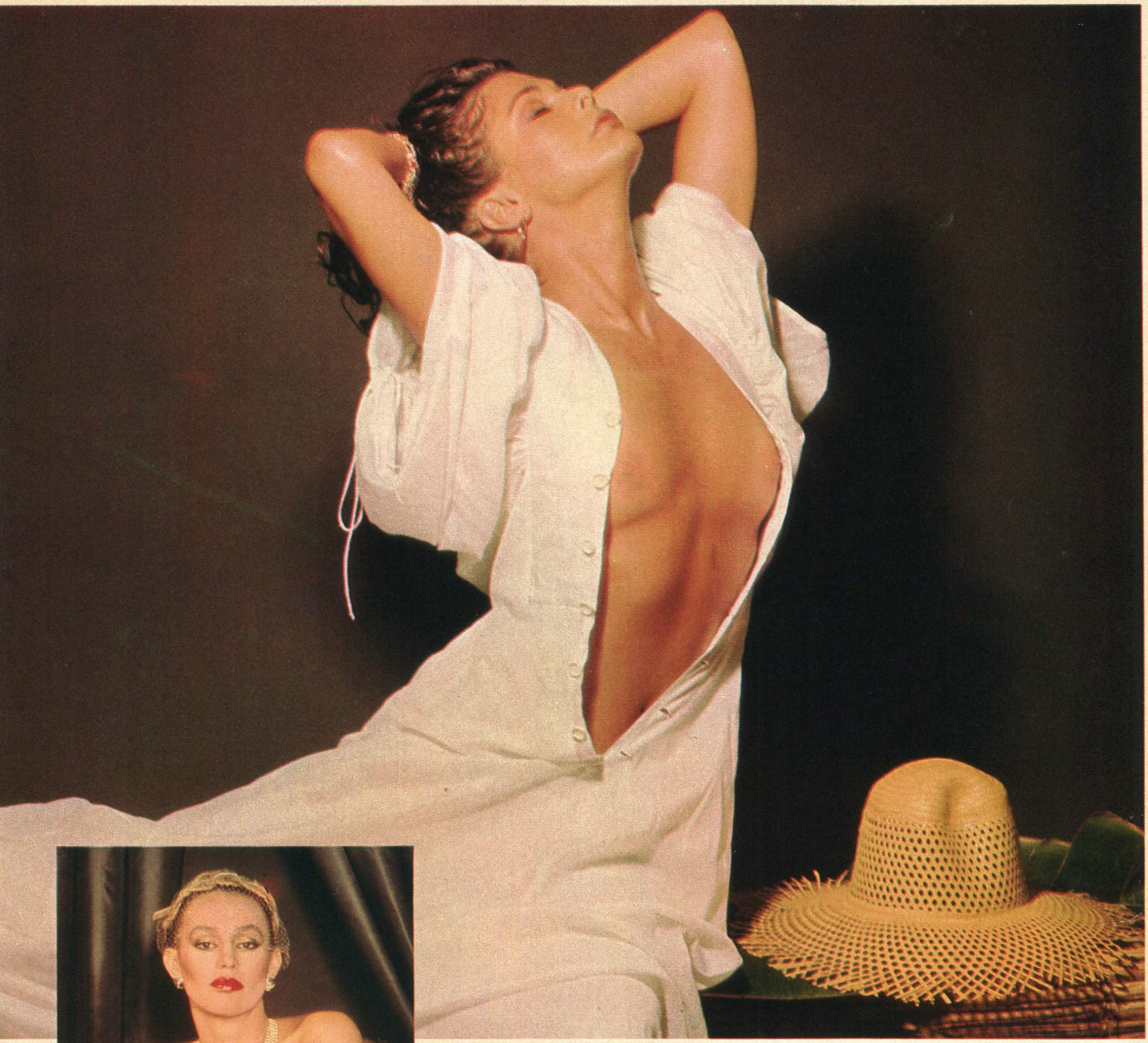
Ela confessou que gosta de correr nua na praia deserta. Isso foi em janeiro do ano passado, em Homem n.º 6. Na fase mais acalorada da campanha eleitoral em nossa redação, alguém sugeriu que se consultasse Cláudia, para saber se ela ainda mantém aquele saudável hábito. "É que eu andei descobrindo umas praias desertas maravilhosas", explicou o autor dessa sugestão. Quem sabe você também conheça alguma .

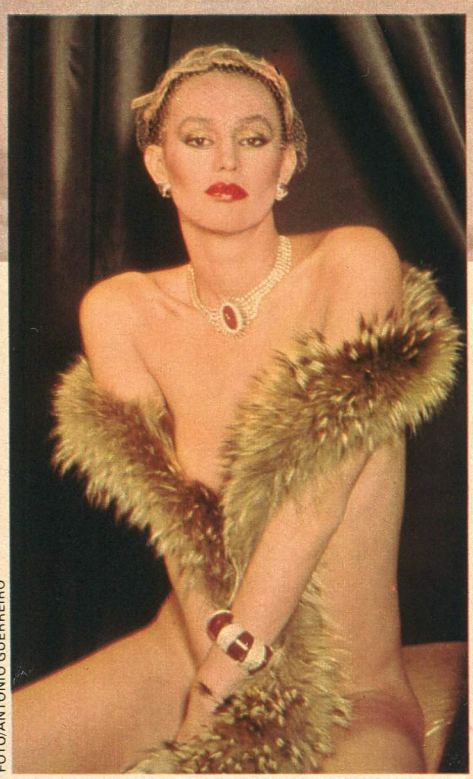


FOTO/LUIZ TRIPOLI

LÍVIA

Lívia foi a garota do poster do primeiro número de **Homem** (agosto de 1975). É . . ., a gente precisava mesmo de um monumento para marcar a estréia da revista. É isso aí. Naquele tempo Lívia tinha 19 aninhos e fazia planos para ir morar na Índia, curtir Krishnamurti mais de perto. Mas, depois daquela reportagem o sucesso foi tanto que ela até hoje continua adiando esses planos. Para bem do povo e felicidade geral de seus eleitores.





FOTO/ANTÔNIO GUERREIRO

SCARLET MOON

"Sou muito sexy, por causa da minha voz", declarava Scarlet Moon, entrevistada por **Homem,** em dezembro último (n.º 17). Acontece que sua entrevista foi ilustrada com fotos como esta aqui. Por isso, embora a maioria de nós nunca tenha tido oportunidade de se enredar nas malhas de sua voz, poucos deixaram de incluir Scarlet entre estas doze eleitas. Talvez alguns tenham se deixado influenciar pela modéstia da moça: "Não me condenem por haver posado nua. A nudez é uma prática inevitável e necessária. Não digo que sou ardente porque os leitores, certamente, não são piromaníacos" No que o seu colégio eleitoral, em brasa, concordou e endossou

As doze mais de Homem

FOTO/ROGER BESTER

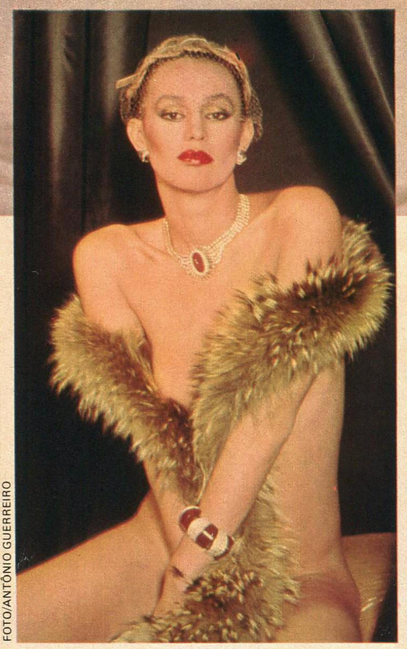
LÍVIA

Lívia foi a garota do poster do primeiro número de **Homem** (agosto de 1975). É . . ., a gente precisava mesmo de um monumento para marcar a estréia da revista. É isso aí. Naquele tempo Lívia tinha 19 aninhos e fazia planos para ir morar na Índia, curtir Krishnamurti mais de perto. Mas, depois daquela reportagem o sucesso foi tanto que ela até hoje continua adiando esses planos. Para bem do povo e felicidade geral de seus eleitores.

MARIA CLÁUDIA

Ela confessou que gosta de correr nua na praia deserta. Isso foi em janeiro do ano passado, em Homem n.º 6. Na fase mais acalorada da campanha eleitoral em nossa redação, alguém sugeriu que se consultasse Cláudia, para saber se ela ainda mantém aquele saudável hábito. "É que eu andei descobrindo umas praias desertas maravilhosas", explicou o autor dessa sugestão. Quem sabe você também conheça alguma .

FOTO/LUIZ TRIPOLI



FOTO/ANTÔNIO GUERREIRO

SCARLET MOON

"Sou muito sexy, por causa da minha voz", declarava Scarlet Moon, entrevistada por **Homem,** em dezembro último (n.º 17). Acontece que sua entrevista foi ilustrada com fotos como esta aqui. Por isso, embora a maioria de nós nunca tenha tido oportunidade de se enredar nas malhas de sua voz, poucos deixaram de incluir Scarlet entre estas doze eleitas. Talvez alguns tenham se deixado influenciar pela modéstia da moça: "Não me condenem por haver posado nua. A nudez é uma prática inevitável e necessária. Não digo que sou ardente porque os leitores, certamente, não são piromaníacos" No que o seu colégio eleitoral, em brasa, concordou e endossou

As doze mais de Homem

FOTO/MARIZA ALVAREZ DE LIMA

FERNANDA BRUNI

O voto foi secreto e direto, mas a campanha eleitoral travou-se à vista de todos. E não deixou dúvidas de que Fernanda Bruni estaria entre as eleitas. Um eleitor adversário chegou a insinuar maldosamente, que ela só fora bem votada porque, em **Homem** n.º 2 (setembro de 1975), declarou que só gosta de homens feios. Isso só prova que a moça não tem apenas as virtudes que apareceram nas fotos daquela edição e nessa que está aqui ao lado. Tem também muita força de caráter e é generosa, tanto que deixou uma dica para você (se for feio) poder localizá-la facilmente: "Posso ser encontrada em todas as boates. Adoro badalar"

As doze mais de Homem

MARINA

Um dos nossos editores se mostrou tão fanático cabo eleitoral de Marina que ameaçou até devorar — sem molho inglês — todas as fotos das demais candidatas, se a sua não aparecesse entre as mais votadas. Mas o resultado da apuração salvou-o de uma refeição tão agreste. Afinal, para esnobar uma mulher como a Montini é preciso mesmo não entender do assunto, ignorância que não existe em nossas hostes. Mas, a bem da verdade, o grosso dos votos que ela recebeu veio dos nossos colegas da Arte. É que em todos eles há um Di Cavalcanti adormecido. Em tempo: Marina Montini esteve em **Homem** n.º 7 de fevereiro de 1976.

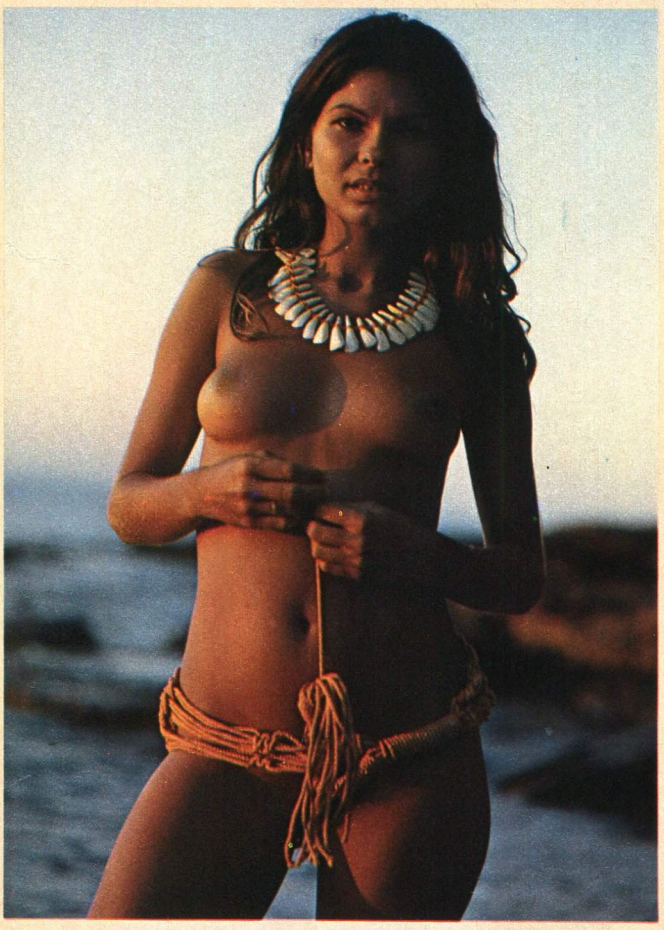
NEIDE

Ela é "pragmática e responsável" informava **Homem** n.º 4 (novembro de 1975) na reportagem que fez sobre Neide. Ela dizia então que "antigamente acreditava nessa história de um-amor-e-uma-cabana, mas hoje em dia tem que vir um palacete" Embora bem mais aptos a oferecer cabanas do que palacetes, os nossos eleitores não hesitaram em incluir Neide nesta lista. Está visto que o pragmatismo responsável não afeta os sólidos princípios que norteiam a nossa intransigência (em questão de mulher).

FOTO/ROGER BESTER

FOTO/PAULO LUIS FISHBERG

FOTO/LUIZ TRIPOLI



FOTO/PAULO ROCHA

ESMERALDA

"Trata-se de uma mulata pra quatrocentos talheres . . . de prata portuguesa" escreveu sobre Esmeralda o saudoso Stanislaw Ponte Preta. Mas ela preferiu a prata italiana, apareceu em quase vinte filmes por lá e, no ano passado, voltou para matar as saudades. E terminou ficando por aqui, depois de apresentar seu currículo em **Homem** n.º 12 (julho de 1976). Será preciso dizer mais para explicar sua eleição?

As doze mais de Homem

LEILA

O Natal de 1975 foi farto para os leitores de **Homem**: a nossa edição (n.º 5) de dezembro daquele ano conquistou dois lugares nesta seleção democraticamente eleita. Um deles foi o de Leila, a garota do poster daquele número. Assim, um de nossos ilustradores justificou seu voto: "Leila tem o rostinho mais inocente do mundo. E não existe nada mais sensual do que o ar de inocência". É uma opinião.

SUSANA

Quando começamos a apuração, ninguém tinha dúvidas de que Susana Gonçalves estaria entre as mais votadas: dois dos eleitores inscritos só começaram a gostar de novela de TV depois que Susana saiu em Homem, em dezembro de 1975 (n.º 5). É, mas só vêem as cenas em que ela aparece.

FOTO/ROGER BESTER

FOTO/ANTÔNIO GUERREIRO

LOURÊNIA

Das doze escolhidas, poucas receberam votos de todos os eleitores. Uma delas foi Lourênia (**Homem** n.º 3, outubro de 1975). Explico: cada um de nós pôde indicar seis candidatas e todos, entre outras, votaram em Lourênia, uma mocinha muito bem comportada, que não fuma, não bebe e estudou num colégio de freiras, onde aprendeu a fazer crochê. Além disso ela acha que a mulher deve dominar o homem, com o que, paternalisticamente, nós concordamos.

As doze mais de Homem

DARCY

No poster de **Homem** n.º 15 (outubro de 1976), Darcy aparece brincando de índia, com tacape e papagaio no ombro. Mas a verdade é que o seu jeitinho de Iracema foi cultivado ao sol de Copacabana, depois de uma infância mineira. Curiosamente, ninguém falou em Darcy durante a nossa campanha eleitoral. Mas quando as urnas foram abertas ela estava com uma votação consagradora. (Esqueçamos aquela história de que mineiro só trabalha em silêncio .).

BÍBI VOGEL

Quem leu a reportagem sobre Bíbi em Homem n.º 3 (outubro de 1975) descobriu, entre outras coisas, que ela, além de ser atriz de cinema, teatro e televisão, já foi também manequim, cantora, jornalista e estudante de desenho. O texto omitiu que ela é também letrista de músicas populares. Mas, como vocês estão vendo aí, não foi exatamente por esses talentos que ela conquistou um lugar nesta lista, por folgada margem de votos. Mas, *atenção:* se você não concorda com nossas escolhas, pode enviar seu voto de protesto!

FOTO/ROGER BESTER

TIO NESTOR!!

– Será que vocês não entendem?
Aquela fase da minha vida já era!

Prepare-se para conhecer o 1º importado feito no Brasil.

Alfa Romeo 2300 TI.

O Alfa Romeo 2300 TI não tem opcionais: está tudo incluído.

Este é o único carro brasileiro projetado e construído especialmente para o mercado europeu. Ele tem características que nenhum outro carro no Brasil e poucos carros em todo o mundo podem oferecer. Isso é tão verdade que ele simplesmente não tem opcionais. Tudo o que pode aumentar sua segurança, conforto e prazer de dirigir já foi incluído como equipamento de série.

TI quer dizer Turismo Internacional. Entre para confirmar.

Inicialmente, é bom saber que muitas das coisas que você vai encontrar neste carro são únicas, exclusivas. Por exemplo, cada instrumento vem equipado com uma luz-testemunha, que se acende em qualquer irregularidade, dando a você duplo controle: o registro do instrumento e a advertência da luz. O painel de instrumentos, que ganha fácil o título de mais completo e sofisticado do país, tem iluminação difusa anti-reflexos, vantagem que nenhum outro carro nacional pode

contar. Todos os comandos estão à mão, eles foram agrupados na coluna de direção. E para sua comodidade os pedais agora são suspensos e o freio de mão foi colocado entre os bancos dianteiros. Sente-se, por favor. Os bancos reclináveis são de veludo e têm novo desenho, que dá ainda mais espaço e conforto a todos os passageiros. O novo isolamento termoacústico vai separar o seu prazer de dirigir das vibrações, ruídos e variações de temperatura. Agora, olhe para a frente sem óculos de sol.

Os vidros são atérmicos, protegem você da claridade e calor excessivos. Depois, observe os outros detalhes exclusivos: aquecimento interno e ar condicionado, inclusive para os bancos traseiros; volante de direção mais macio, com altura regulável na própria coluna; rádio AM/FM com toca-fitas stereo, com 2 alto-falantes e antena elétrica. Se começar a garoar, use o limpador de pára-brisas com temporizador. Se o pára-brisas sujar, experimente a bomba elétrica do esguicho de água.

Performance e segurança. A Alfa Romeo sempre foi famosa por isso.

O Alfa Romeo 2300 TI é o único carro brasileiro com 5 marchas à frente, sincronizadas. Sua suspensão rebaixada

tornou-o ainda mais seguro, macio, estável e bonito.

O motor foi construído para apresentar grande performance e economia. O resultado está aqui: 149 CV, torque de 23 kgm, 2 carburadores duplos, duplo comando de válvulas, câmaras de combustão hemisféricas, válvulas de escapamento resfriadas a sódio e 9 quilômetros por litro de gasolina comum. Aliás, quando os outros param para reabastecer, ele continua, porque só ele tem um tanque de gasolina para 100 litros (900 km de autonomia). No item segurança você vai ver que nós incorporamos as mais importantes normas internacionais.

Primeiro, uma palavrinha sobre a carroceria: ela é de estrutura diferenciada, o que significa que as extremidades do carro absorvem impactos enquanto que o compartimento dos passageiros é rígido para protegê-los.

Mas isso é só o começo: as maçanetas são embutidas, os cintos de segurança são de três pontos, e tanto os bancos da frente como os de trás têm apoio para a cabeça. Nos bancos dianteiros os apoios são reguláveis na altura e na inclinação.

A coluna de direção é anticho-que e os freios a disco nas quatro rodas têm modulador de frenagem, que evita o travamento das rodas traseiras em qualquer situação.

Pensando nas crianças, incluímos um dispositivo muito im-portante nas portas traseiras: quando acionado, elas só podem ser abertas pelo lado de fora.

E para encerrar o assunto com segurança, os quatro faróis são biodo e os pneus são radiais.

Só falta você saber que além de potente e seguro ele também ficou mais bonito.

A traseira ficou mais elegante com os novos pára-choques envolventes. A área frontal foi reestilizada: as lanternas foram incorporadas ao pára-choque e a grade dianteira ganhou dois frisos esportivos. O último toque foi a colocação do "quadrifoglio", símbolo tradicional da qualidade Alfa Romeo.

Aproveite que os europeus são muito exigentes.

Agora você já pode matar a saudade da performance e sofisticação dos importados. Basta comprar um Alfa Romeo 2300 TI. O primeiro importado feito no Brasil. Primeiro e único.

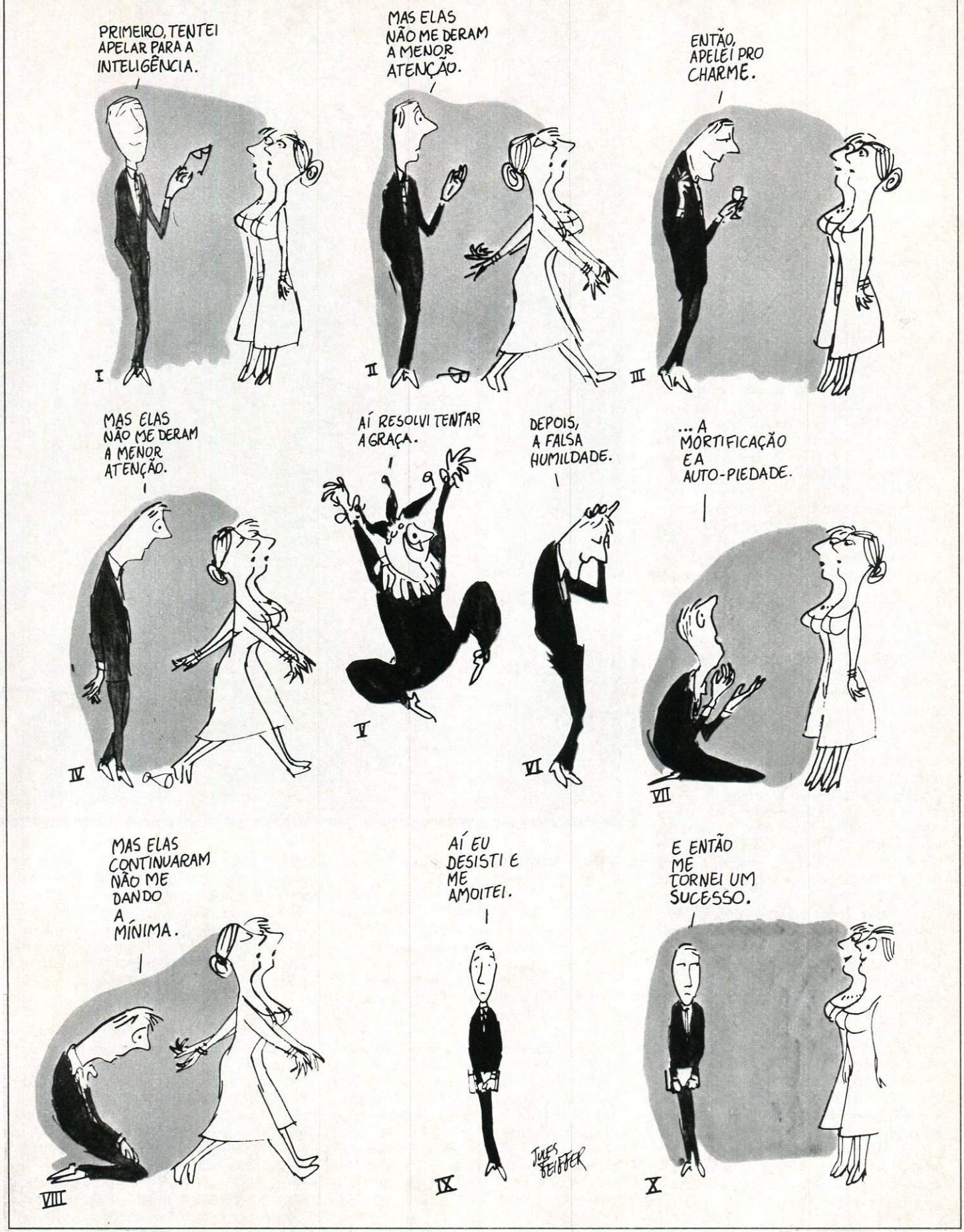
Ficha técnica

N.º de cilindros	4 em linha
Diâmetro e curso	88 x 95 mm
Cilindrada total	2.310 cm³
Potência máxima (SAE)	149 CV a 5.700 rpm
Torque máximo (SAE)	23 mkg a 3.500 rpm
Potência específica	64,5 CV/litro
Torque específico	10 mkg/litro
Distância entre-eixos	2.729,5 mm
Bitola dianteira	1.397 mm
Bitola traseira	1.400 mm
Comprimento total	4.715 mm
Largura total	1.692 mm
Altura total (descarregado)	1.440 mm

Diâmetro mínimo de curva	12,6 m
Velocidade máxima	175 km/h
Aceleração de 0 a 100	10,8 segundos
Capacidade do tanque	100 litros
Capacidade do porta-malas	600 litros
Caixa de câmbio	5 velocidades sincronizadas à frente e 1 à ré.
Freios	A disco nas 4 rodas, modulador de frenagem nas rodas traseiras, servo-freio a vácuo.

ALFA ROMEO

Alfa Romeo 2300TI


PRIMEIRO, TENTEI APELAR PARA A INTELIGÊNCIA.
I
MAS ELAS NÃO ME DERAM A MENOR ATENÇÃO.
II
ENTÃO, APELEI PRO CHARME.
III
MAS ELAS NÃO ME DERAM A MENOR ATENÇÃO.
IV
AÍ RESOLVI TENTAR A GRAÇA.
V
DEPOIS, A FALSA HUMILDADE.
VI
... A MORTIFICAÇÃO E A AUTO-PIEDADE.
VII
MAS ELAS CONTINUARAM NÃO ME DANDO A MÍNIMA.
VIII
AÍ EU DESISTI E ME AMOITEI.
IX
JULES FEIFFER
E ENTÃO ME TORNEI UM SUCESSO.
X

Inge

FOTOS/MARIO CASILLI

Com todo
esse talento esta nórdica
já conquistou a TV.
Agora, Hollywood

FOTOS/MARIO CASILLI

Inge

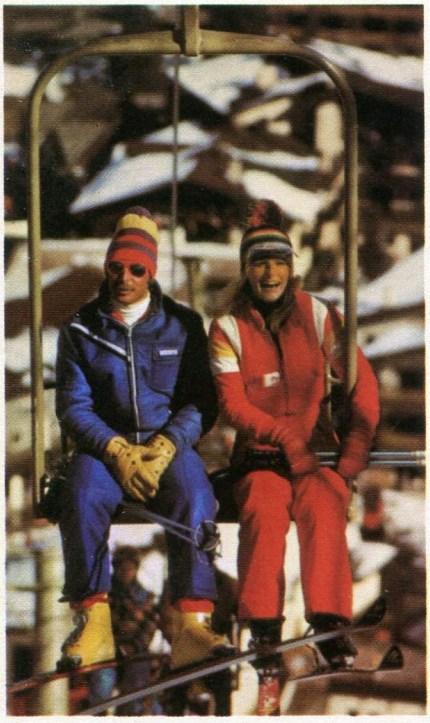
Com todo
esse talento esta nórdica
já conquistou a TV.
Agora, Hollywood

Miss Noruega, miss Europa, quase eleita miss Mundo, uma carreira impressionante

As mulheres suecas é que levam a fama, mas as norueguesas não ficam nada atrás, como vocês podem ver pelo impressionante preparo físico de Ingeborg Sorensen, uma osloniana ou osloniense, enfim, uma bela mulher nascida em Oslo.

De Oslo, Ingeborg percorreu um longo caminho até chegar a Hollywood. Na verdade, Inge (como é chamada pelos amigos) só se decidiu a ir para os EUA quando estava no Japão, fazendo parte de uma equipe de manequins nórdicas que promovia coleções de moda.

Inge diz que não se acha bonita. A não ser quando esquia em alta velocidade



FOTO/RICHARD R. HEWETT

Lá, um fotógrafo americano sugeriu que ela tentasse a sorte em Hollywood.

Ex-miss Noruega, ex-miss Europa, quase miss Mundo 1972, Inge despachou na frente seu míni-cão dachshund e seus quatro macacos venezuelanos e partiu para os Estados Unidos. De cara, conseguiu fazer uma série de comerciais de televisão, mas esse pequeno sucesso não lhe pareceu suficiente.

Assim, depois de fazer dois filmes, dos quais prefere não falar decidiu se preparar para valer estudando arte dramática com o veterano galã Jeff Corey. Um dos mais recentes resultados dessa ofensiva de miss Sorensen foi um bom papel bastante elogiado — num episódio do seriado policial *Baretta.*

Enquanto a fama não chega, ela tem um grande problema a resolver· os seus macacos estão com muito ciúme do cachorrinho, que vive no colo de Inge. Mas, afinal, quem não teria ciúme desse maravilhoso privilégio?

A REVISTA DO
HOMEM

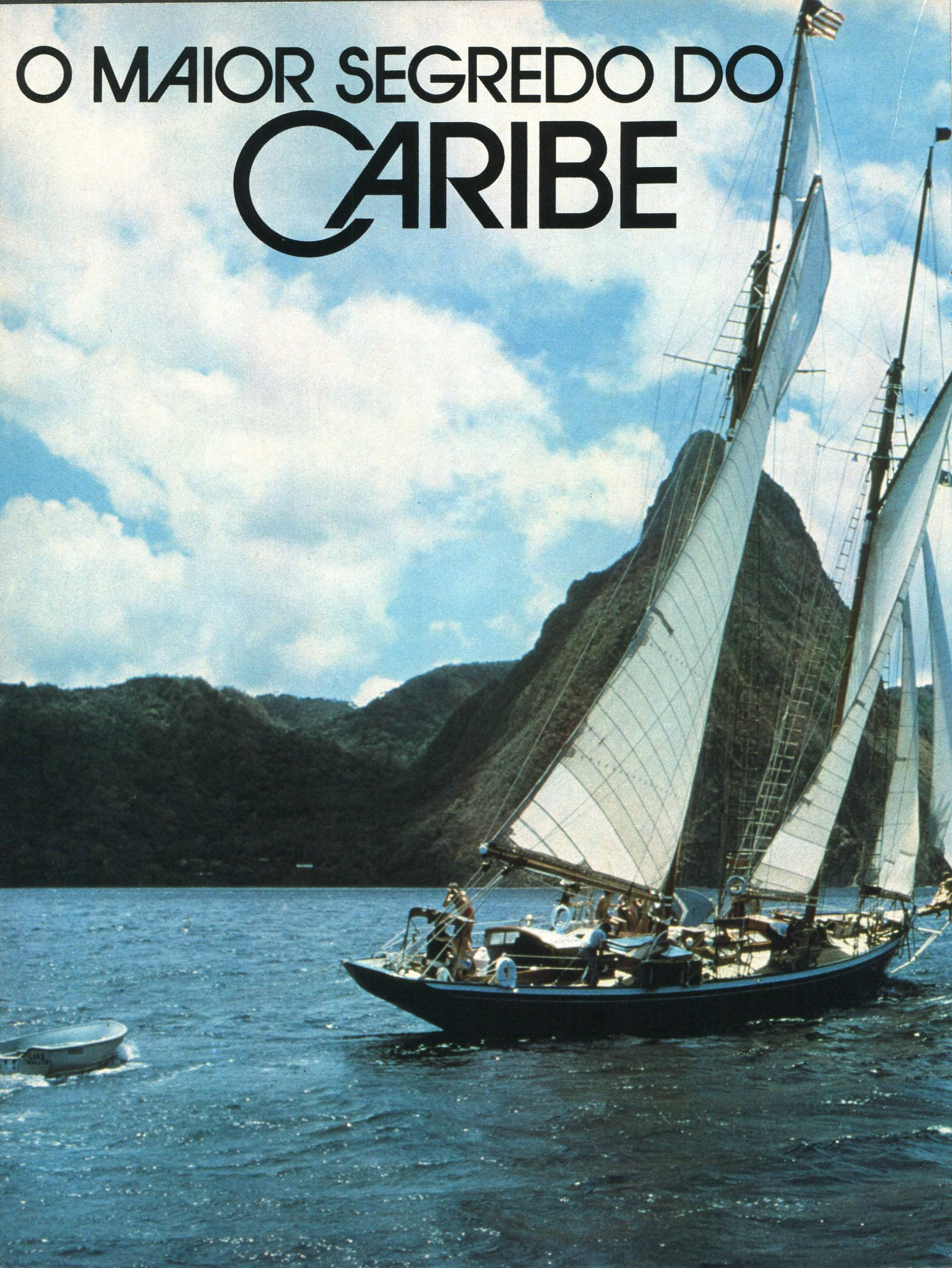
O homem que sai com a mulher que você acabou de ver, tem um conjunto de som Gradiente em casa.

gradiente

Tecnologia a serviço da boa vida.

Foto: Toca-discos Garrard-Gradiente 35-SB, com Belt-drive manual, 2 velocidades, "lift" hidráulico, ajuste do compensador de "bias", cápsula magnética e agulha Shure - Receiver AM-FM Stereo STR 1250, 120 W (IHF), entradas para toca-discos e gravador, dispositivo especial de sintonia FM do tipo LED e Phase Locked Loop - Caixas acústicas Celebration, 90 W (IHF), sistema Bass Reflex, 4 alto-falantes, rede separadora de freqüências com circuito tipo QSO, exclusivo da Gradiente.

O MAIOR SEGREDO DO CARIBE



VIAGEM

AVENTURA, ROMANCE E EMOÇÃO NAS MAIS LINDAS ILHAS DOS SETE MARES

O segredo é ir no verão de lá. As ilhas estão maravilhosas como sempre. E vazias. E baratas.
Aproveite o fato de morar em outro hemisfério: no nosso mais cinzento inverno, as ilhas estão brilhando ao sol equatorial, com até 40 graus à sombra.
Os turistas americanos (do norte) e europeus que tornam o Caribe insuportável, buscando o calor nos meses do inverno (deles), nem se aproximam de lá de maio a agosto; assim, você pode desfrutar as ilhas com a companhia que você escolher.

Foi-se o tempo em que os piratas enchiam os navios no Caribe. Nosso veleiro é prova disso.

FOTOS/DWIGHT HOOKER

À EXÓTICA LUZ DOS CREPÚSCULOS SÓ VOCÊ E ELA EM PAISAGENS DE SONHO

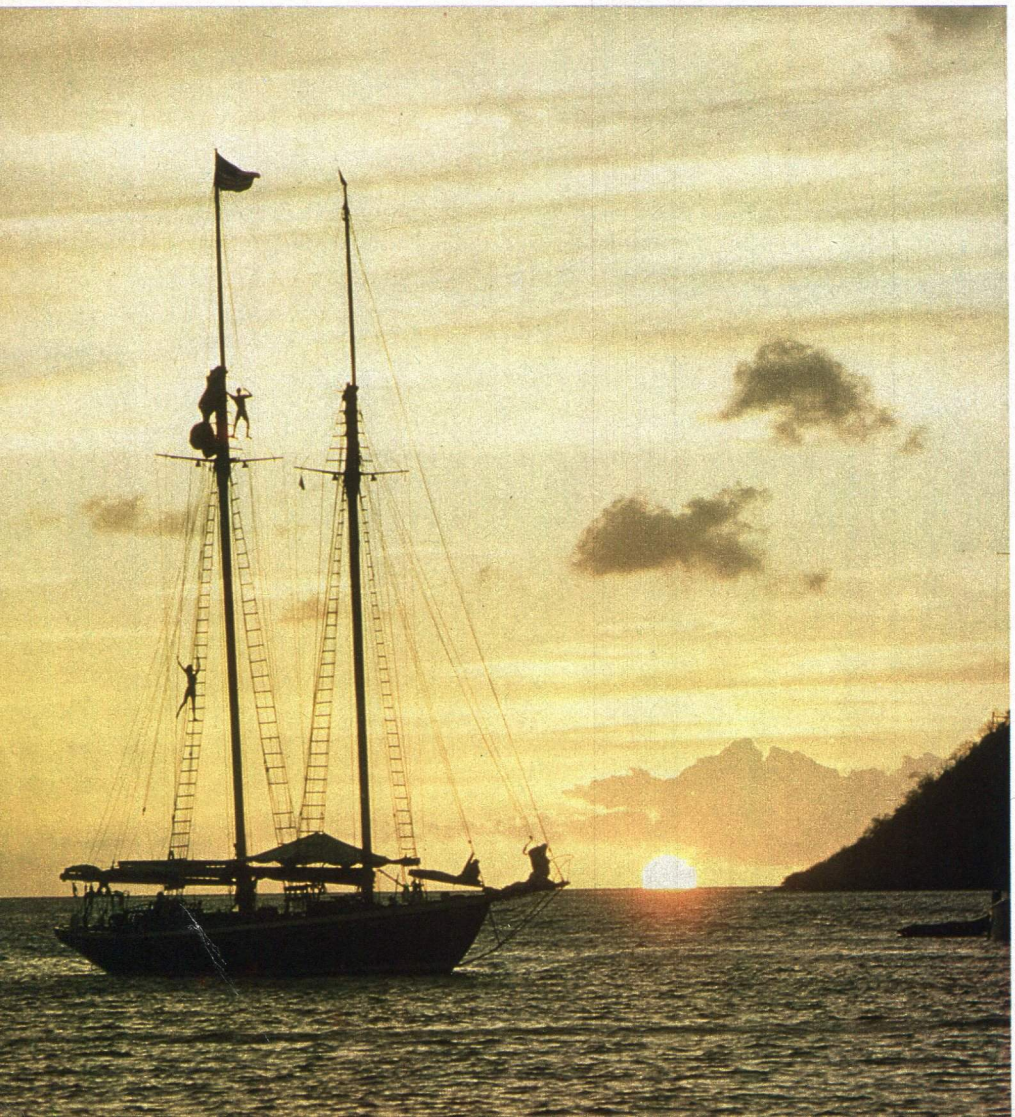
BARLAVENTO, SOTAVENTO
As ilhas de Barlavento e Sotavento são as depositárias do maior segredo a que nos referimos. Nos guias de viagem, elas sempre aparecem como "a resposta do Atlântico às ilhas dos Mares do Sul" Ao contrário das ilhas planas de coral, como as Bahamas, que têm praias magníficas e quase nada mais, estas — com bem poucas exceções são vulcânicas. Têm pelo menos um cone que ronca à noite ou picos que irrompem do mar na direção da única nuvem à vista. Na paisagem dessas ilhas de sonho, surgem reflexos da animada história do lugar, protagonizada por nativos, ingleses, franceses e holandeses. O passado de aventureiros, piratas, chefetes, escravos, senhores rurais e muitas, muitas guerras e violências, surge entre buganvílias — sob a forma de ruínas de fortalezas mortas, engenhos de açúcar casas senhoriais que aparecem entre coqueiros. Gerações e gerações de culturas mestiças que você irá apreciar bebendo um daiquiri ou um ponche de rum, enquanto descansa preguiçosamente sob a luz do crepúsculo mais impressionante dos trópicos.

TOME NOTA
Como há ilhas Barlavento e Sotavento demais para que todas sejam tratadas do jeito que merecem, fizemos então uma difícil escolha, imaginando que algumas Índias Ocidentais são melhores que nenhuma. Anote o que você não pode deixar de conhecer nesta viagem de sonho:

TRINIDAD-TOBAGO
Elas existem mesmo, não são uma criação da mente doentia de

Segredos do Caribe. escolher sabiamente a companhia. Livrar-se das inibições civilizadas. E curtir tudo o que a natureza dá.

Nas ilhas do Caribe, há praias para todos os gostos, inclusive *topless* e nudistas.



SELVAGEM E VIRGEM, TOBAGO, DIZEM, É O LUGAR ONDE NAUFRAGOU ROBINSON CRUSOÉ

algum filatelista insano.
Trinidad, primeiro — tão perto da Venezuela que os pássaros da ilha vão comer no continente era parte da América do Sul milhões de anos atrás. A velha ligação ainda ressurge nas plantas e nos animais. Essa peculiaridade geológica fez Trinidad ter algo que nenhuma das outras ilhas possui: petróleo.
Mas curtir Trinidad nada tem a ver com refinarias e oleodutos: o Hotel Hilton é o melhor lugar para ficar Construído em uma colina que domina Port of Spain, dá para um parque onde orquestras tocam um calipso meio padronizado. Perto, ainda há um jardim botânico de 150 anos e o zoológico do Vale do Imperador cheio de crocodilos e inéditas espécies de papagaios.
Se você ficar pouco tempo em Trinidad aproveite para fazer a turnê de três horas, que começa na cidade e vai para o norte, rumo às montanhas cobertas de florestas, indo daí à praia na baía Maracas, onde há excelente cerveja e mais calipso, à sombra de palmeiras e árvores frutíferas. Daí, vá a Tobago, que fica a 15 minutos.
Como uma dúzia de outras ilhas espalhadas pelo mundo, pretende ser o lugar que inspirou Robinson Crusoé. Até parece: ao norte, é bem o local onde o náufrago famoso encontrou seu fiel Sexta-Feira. Selvagem e virgem (o lugar é claro). No sul, palmeiras, muitas praias, algumas aldeias e um mínimo de hotéis. Não perca a chance de fazer caça submarina em Buccoo Reef. Se você for da Sociedade Protetora dos Animais, veja os peixes pelos fundos transparentes dos barcos. Se você for um *gourmet,* veja

Quando tudo é melhor...

Foto realizada no Clube Hippopotamus, em São Paulo.

vinho **CHÂTEAU DUVALIER** tinto, branco e rosé

CBBA

De repente, no dia 27 de fevereiro último, as páginas esportivas dos jornais brasileiros anunciavam em manchetes: "Brandão caiu, o técnico da Seleção agora é o capitão Cláudio Coutinho". Muitos leitores, mesmo os que se julgam bons conhecedores de futebol, perguntaram-se bastante surpreendidos: "Mas... quem é esse Cláudio Coutinho?" Entre os especialistas, porém, não houve tanta surpresa. Alguns já tinham previsto até que, mais cedo ou mais tarde, Coutinho acabaria ocupando o lugar que já foi de Pimenta, Flávio Costa, Zezé e Aimoré Moreira, Feola e Zagalo. Mas a verdade é que, ainda agora, quando o nome de Cláudio Coutinho já se tornou familiar, sua personalidade (fora das quatro linhas do gramado) ainda é um mistério para o grande público. Quem é o homem Cláudio Coutinho?

ILUSTRAÇÃO/GILBERTO MARCHI

"O EXÉRCITO NÃO É AQUELA SOPA DA UNIVERSIDADE, DO CARRINHO, DO PAPAI..."

Aqui, o próprio Coutinho lança um pouco de luz sobre esse mistério, falando de seus gostos, de sua vida, de suas idéias sobre assuntos polêmicos, como o divórcio, o aborto e os movimentos feministas. Definindo-se como um liberal, e se mostrando muito seguro de suas convicções, a verdade é que Coutinho não deixa de ter certa preocupação com o julgamento que se possa fazer dele.

Ao ser convidado para dar a entrevista que **Homem** *agora publica, por exemplo, ele a princípio recusou, alegando que uma incursão para fora dos temas em que é especialista poderia ser interpretada como vedetismo. Após nova investida, ainda relutante, ele ponderou que aparecer em* **Homem** *poderia ser negativo para sua imagem.*

De qualquer forma, marcou a entrevista – e no dia seguinte a desmarcou. Os amigos e familiares, desculpou-se então, não achavam aconselhável tal entrevista. Quando soube que pessoas importantes como o senador Jarbas Passarinho, o cardeal de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, e o indianista Orlando Villas Boas já haviam publicado depoimentos em **Homem,** *Coutinho concordou finalmente em dar a entrevista, mas com uma condição: ela teria de ser feita em uma hora e meia, sem prorrogação. Os entrevistadores foram Nélson Silva, chefe da sucursal carioca da Editora Abril, Ricardo Gontijo, da TV Educativa do Rio, Roberto Benevides, do* Jornal do Brasil *e Wilson Palhares, de* **Homem.** *Esta foi a atuação de Coutinho durante aqueles 90 minutos:*

FOLHA CORRIDA

Homem — Podemos começar com você se apresentando aos leitores.

Coutinho Meu nome é Cláudio Pecego de Morais Coutinho. Tenho 38 anos. Nasci em Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai. Meu pai era militar, estava servindo lá na ocasião. Mas de gaúcho só tenho o registro. Vivi a maior parte da minha vida no Rio, desde 3 ou 4 anos. Sou casado há treze anos e tenho dois filhos, Cláudia, de 12 anos e Paulo César, de 9.

Homem — Conte alguma coisa de sua infância. Você era um bom aluno?

Coutinho — A minha infância foi toda de praia, onde sempre me liguei a esportes, principalmente ao voleibol. Era o que mais se jogava na praia. Eu era metido a bom aluno, mas gostava do colégio justamente porque tinha voleibol na hora do recreio. A hora que mais esperava era essa.

Homem — E após o colégio?

Coutinho — Fui para a Escola Preparatória de Cadetes e a Academia Militar. Lá também o esporte era minha grande paixão, além do Exército, é claro. Sempre gostei da vida militar, das atividades do Exército.

Homem — O meio familiar influiu?

Coutinho — Sim. A família toda era de militares. Tive influência principalmente de meu pai. Acho que todo mundo se fixa muito no pai. Meu pai era um daqueles militares de alta estirpe. O nome dele era Aquiles de Morais Coutinho. Era general. Ele foi também um grande desportista, foi campeão de equitação, um dos melhores cavaleiros do Brasil na sua época. A paixão dele eram os cavalos.

Homem — Nesse aspecto você não se fixou muito em seu pai.

Coutinho — Eu e meu irmão, que hoje é major, fizemos uma tentativa, também nos entusiasmamos e andamos montando, mas éramos apenas razoáveis. Foi numa das várias quedas que sofri do cavalo que comecei a pensar seriamente em ficar no voleibol.

Homem — Você foi um namorador emérito, na juventude?

Coutinho — Mais ou menos. Não era dos mais comportados, não.

Homem — Mas namorava como se fazia naquela época de moral rígida ou como hoje, mais livremente?

Coutinho — O negócio naquele tempo era difícil. Só de um tempinho para cá é que melhorou, não é? A barra naquele tempo era mais pesada.

Homem — Quanto tempo você ficou no Exército?

Coutinho — Dezoito anos, dos 15 aos 33 de idade. Saí em 1971. A formação que tive no Exército foi muito boa. Com 15 anos, a gente chega ali e encontra um grupo heterogêneo, do sul, do norte, japonês, preto. É uma escola da vida, onde se aprende a viver em grupo, a obedecer e a ser um pouco estóico. A vida lá não é aquela sopa da universidade, do carrinho, do papai . .

Homem — Quais as matérias de que você gostava mais?

Coutinho — Eu era um bom estudante, gostava de tudo. Eu tinha muita facilidade e não precisava fazer muito esforço. Aprendia muito nas aulas, pois tinha ótima memória.

Homem — Era o primeiro da classe?

Coutinho — Não, mas estava sempre entre os dez primeiros. No Colégio Mello e Souza, onde fiz o primário e o ginásio, por acaso fui o primeiro de toda a escola, durante todo o curso. Como eu dizia, o estudo na Academia Militar foi muito bom. Estuda-se Matemática, Ciências Humanas e muito a Lógica, o bom senso, o raciocínio cartesiano. Aprende-se a comandar, a obedecer, a pensar em conjunto, a administrar. O Exército prepara a gente para quase tudo que se pretenda fazer.

Homem — Você se definiria como um cartesiano?

Coutinho — Acho que sim, pela própria formação.

Homem — Fale um pouco mais dela.

Coutinho — Dentro do Exército, servi em São Paulo e aí fui para o pára-quedismo, no Rio. Foi outra fase muito interessante. Foi uma prova de fogo. O sujeito passa por ali e, se consegue vencer a etapa, sente uma espécie de orgulho que carrega por toda a vida. No início todo mundo pensa em desistir. O esforço físico é brutal, para testar as vontades, pois é voluntariado. Só vai quem quer.

Homem — E por que você quis?

Coutinho — Ah, eu adorava aquilo, achava aquilo um desafio. Na minha turma éramos 110. Saímos apenas onze, formados.

Homem — Militarmente, você é o quê?

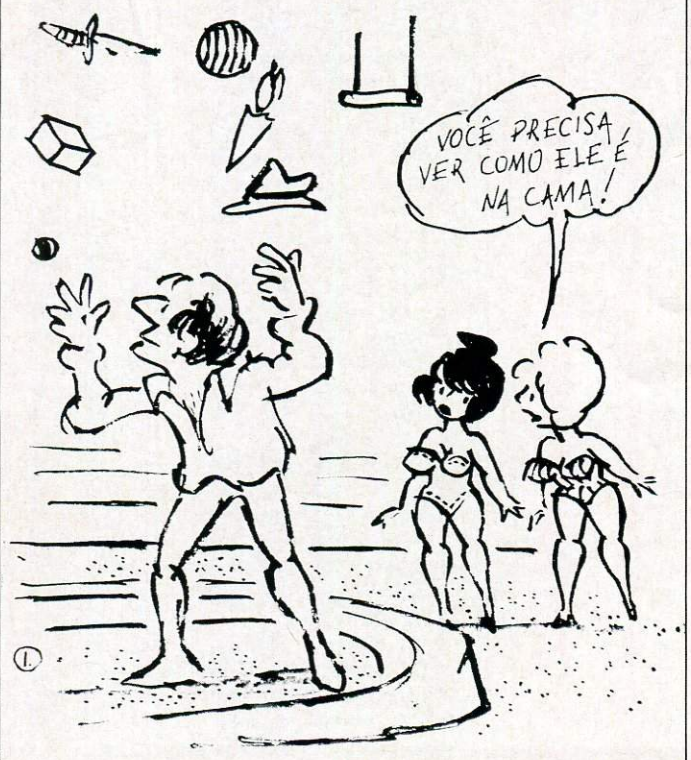
Coutinho — Capitão de artilharia, da reserva, com duas especializações — pára-quedismo e educação física. Sou professor pela Escola de Educação Física do Exército. Era o único lugar que talvez me faria sair do pára-quedismo. Eu queria ser promovido. Fiz o curso de educação física e realmente fui promovido logo depois.

DE CAPITÃO A TÉCNICO

Homem — Como se deu a opção pelo esporte, ante uma promissora carreira militar?

Coutinho — Em 1969 fui para os Estados Unidos, fazer uma série de cursos. Fiquei lá uns 45 dias. Acho que foi aí que começou a guinada. Eu tinha feito amizade com o coronel Kennetht Cooper e, por sugestão dele, o Departamento de Estado me convidou para fazer um estágio no Laboratório Aeroespacial do Texas. Visitei uma porção de lugares e vi coisas que nunca tinha visto em educação física. Ao voltar ao Brasil, comecei a montar o que seria um novo manual de treinamento físico para as Forças Armadas Brasileiras. No Exército começou um movimento com testes, etc., ligado à necessidade de o militar estar sempre apto fisicamente.

O MALABARISTA



Espuma de barbear em aerosol Lima-Limão.

Ninguém faz uma espuma de barbear como a Gillette®.

Essas idéias ecoaram na CBD. Ouviram falar que no Exército havia alguém que tinha um novo método de treinamento físico e acabaram entrando em contato comigo.

Homem — Então você é que é o responsável pela introdução do método de Cooper no Brasil, por toda essa gente correndo pela praia? Inclusive pelo grupo que passa todos os dias às 7 da manhã em frente à minha janela, gritando ritmado: "Está na hora de acordar. ô, ô, ô"? [*Gontijo pergunta*].

Coutinho [*Rindo*] — É, sou eu. Sinto muito. Mas agora pouco você estava perguntando como fazer para perder a barriga. Correr é um bom remédio. O homem sempre correu, desde tempos imemoriais, atrás da caça ou na frente do caçador.

Homem — Na sua atual atividade você ganha mais do que estaria ganhando como major da ativa?

Coutinho — Bastante mais. Mas não foi o que me fez mudar. O que me fez mudar foi o fascínio pelo esporte. Na época eu tinha de optar, pois não podia continuar como militar e ganhando dinheiro em outra atividade.

Homem — E aquele velho sonho do cadete, de chegar a general?

Coutinho — A gente muda, não é? Achei que era mais importante fazer o que eu gostava, onde eu mais me realizava. E no Exército me afastaria totalmente do esporte. Eu passaria a major e teria de me dedicar mais à parte burocrática, a dar aulas. Não daria para conciliar. Achei mais honesto optar.

Homem — Voltando ao Exército, como foi a experiência no pára-quedismo?

Coutinho — Após o curso de um mês, fiz o curso de mestre de salto e o de precursor. Saltamos no sul, saltamos na Amazônia, no Xingu, em 1962, numa manobra. Foi uma experiência extraordinária, a mais sensacional. Fomos recebidos pelo Orlando Villas Boas e os índios camaiurá.

ÍNDIOS

Homem — Você teve um contato direto com os índios. Como vê o problema do indígena no Brasil?

Coutinho — Naquela ocasião o Villas Boas nos deu uma verdadeira aula sobre a questão. Só parou para ter seu acesso diário de malária. Interrompeu a aula, teve sua crise, deu um mergulho no rio e recomeçou. Ele mostrou que os índios são uma raça em extinção, um povo ameaçado de todos os lados — e, o que é pior: pela própria civilização, que ao querer ajudá-los está prejudicando. O contato quase sempre é feito por pessoas de baixo nível.

Homem — E quem é o maior culpado disso, a seu ver?

Coutinho — Acho que é o branco, que

"PARA UM MILITAR, FALAR EM POLÍTICA PARECE ALGO ATÉ INDECOROSO"

está mais esclarecido e tinha de chegar à conclusão inteligente de que a integração do índio à sociedade tem de ser feita aos poucos, através de meios à altura, e não num contato indiscriminado, feito por pessoas de baixo nível intelectual, social e principalmente moral. O contato que tive com o Villas Boas foi em 1962, mas ainda hoje vejo ele apontando os mesmos problemas. A coisa continua como era quinze anos atrás. É uma tristeza.

Homem — O Villas Boas parece tê-lo impressionado muito.

Coutinho — É um dos brasileiros que mais admiro.

Homem — Por quais outros você tem admiração?

Coutinho — Em que setor?

Homem — Em diversas áreas. Na música, política, administração

Coutinho — No campo esportivo, que eu conheço bem, uma pessoa que não se pode deixar de admirar é o João Havelange. É um homem admirável, sob todos os aspectos.

MÚSICA POPULAR, POLÍTICA

Homem — E na música popular?

Coutinho — Sou fã de vários. Acho sensacional, tremendo, o Chico Buarque de Hollanda. O que ele faz é música com todas as letras maiúsculas. Admiro também Vinicius de Moraes, o Haroldo Barbosa, o Luís Reis, de quem sou amigo. No alto da lista eu colocaria Chico, Vinicius e Tom Jobim, que, a meu ver, está no mesmo nível dos melhores do mundo. Sou fã também da bossa nova, o maior movimento que já houve na música popular brasileira, e aprecio muito os Beatles.

Homem — E na política?

Coutinho — A minha formação, como já disse, é militar. Para um militar, quando se fala em política, parece que se está falando em algo proibido, algo até indecente, indecoroso.

Homem — Por quê?

Coutinho — Não sei. Cria-se um tabu de que o militar é apolítico, de maneira que o termo política até choca a gente. Na realidade, a política é necessária e inevitável. Hoje eu já aceito quando uma pessoa diz que vai tentar dar uma solução política a um problema. A gente admite que tem de ser assim, pois vivemos em conjunto, e administrar é fazer política. Eu nunca tive muita participação na política. A única ação que posso ter tido foi na Revolução, em 1964, mas aí não era uma participação política. Era uma participação militar.

Homem — Como foi ela?

Coutinho — Eu estava na Divisão de Pára-quedistas, e havia muitos problemas, muita cisão lá dentro, e eu tive de tomar uma posição. Fiquei do lado da Revolução.

Homem — Conte um episódio marcante daqueles momentos.

Coutinho — Há muitos, mas eu gostaria de não contar, porque envolveria pessoas que ainda estão vivas, algumas até em ação.

Homem — Falemos dos mortos, então. Nessa época, ou antes, você tinha admiração pelo Carlos Lacerda?

Coutinho — Tive, sim. Muita admiração. Aliás, os oficiais jovens apreciavam muito a combatividade dele naquela época, sua inteligência. Ele de fato marcou os militares jovens durante uma certa fase, mas depois decepcionou profundamente.

Homem — Por causa da Frente Ampla?

Coutinho — Sim. O Lacerda entusiasmou a mim, à minha família, naquela época, com o Clube da Lanterna e a campanha que ele fazia em prol da moralidade, contra a corrupção. Ele desfraldou uma bandeira que agradou, que incendiou. Na Revolução ele foi um dos líderes, sem dúvida. Ele era muito bem quisto no meio do Exército.

Homem — Só que esse sentimento não era unânime, não é verdade?

Coutinho — É. Tanto que uma ocasião foi planejado um atentado contra ele. Seria realizado por um grupo de páraquedistas. O atentado acabou falhando, graças a uma interferência inclusive nossa lá dentro. É uma prova de que era um homem visado, um homem altamente importante para a Revolução. Mas depois do episódio da Frente Ampla, e antes mesmo, quando ele começou a se voltar contra a Revolução, houve uma decepção muito grande.

Homem — O marechal Teixeira Lott era muito admirado pelos militares, embora estivesse em campo oposto ao do Lacerda. Você o admirava também?

Coutinho — Em 1964 ele já estava afastado. Ele era muito admirado dentro do Exército, mas quando estava na ativa eu era muito jovem, tinha uns 16, 17 anos, e não tinha entendimento para uma análise.

Continua na pág. 136

Jussara

de olhos abertos, pronta para se revelar pra você

Ela faz um arzinho travesso, levemente malicioso, enquanto entreabre a estola de pele, devagarinho, desvendando, pouco a pouco, a curva suave dos seios. Dá até a impressão de não ver o fotógrafo, de estar repousando numa nuvem distante, quando, de súbito — surpresa! —, espouca o flash, ouve-se o estalido macio da máquina. "Eu sou mesmo assim", confessa Jussara. "Fico assustada à toa. Mas o que me dá medo, de verdade, é me sentir sozinha." Cuidamos para que ela não sentisse medo algum. Esse é, sem dúvida, um prazer para qualquer homem, ter a sorte de ajudar Jussara a vencer a solidão.

Fotos/Chico Aragão

"As vezes eu penso que a lente de uma máquina fotográfica é uma coisa viva, um olho humano — masculino, é claro — que tenta penetrar os meus segredos. Mas sei que já estou preparada para isso. Afinal, sou uma mulher adulta, tenho 19 anos e sou modelo profissional."
O fotógrafo pediu então a Jussara para fechar os olhos, queria experimentar uma pose diferente.

"As vezes eu penso que a lente de uma máquina fotográfica é uma coisa viva, um olho humano — masculino, é claro — que tenta penetrar os meus segredos. Mas sei que já estou preparada para isso. Afinal, sou uma mulher adulta, tenho 19 anos e sou modelo profissional."
O fotógrafo pediu então a Jussara para fechar os olhos, queria experimentar uma pose diferente.

PRODUÇÃO/MARIA HELENA LACERDA
MAQUIAGEM/DANTON
CABELEIREIRO/FELLIPO

Ela concordou, mas advertiu: "Sou mais eu quando estou de olhos abertos, é assim que gosto de enfrentar a vida, o amor, tudo o que é importante para mim. Por isso não me prendo a ninguém: seria como fechar os olhos".

PRODUÇÃO/MARIA HELENA LACERDA
MAQUIAGEM/DANTON
CABELEIREIRO/FELLIPO

Ela concordou, mas advertiu: "Sou mais eu quando estou de olhos abertos, é assim que gosto de enfrentar a vida, o amor, tudo o que é importante para mim. Por isso não me prendo a ninguém: seria como fechar os olhos".

Fotos/Luiz Tripoli

Este é um lance inédito, não aparece no filme: a aventura de Cristina com KING KONG

Era uma vez uma sessão de fotos no estúdio de Homem quando, subitamente, um gigantesco macaco invadiu o cenário.

— Um macaco! — gritou Cristina, a modelo que posava.

— Aproveitemo-lo que ele é estético — gritou o produtor.

E então . . .

"Frágil e indefesa, a meiga Cristina desfaleceu nos braços peludos da fera . . ."

— Não, não serve — disse o diretor ao roteirista. — Cristina nunca está indefesa, principalmente num momento como aquele em que seu corpo, trêmulo de desejo, espreguiçava-se num voluptuoso desafio. Na verdade, prefiro acreditar que o macaco caiu na armadilha.

— Veja só esta cena — insistiu o roteirista. — King-Kong já arrancou, com fúria bestial, a camisola que encobria os encantos da pobre virgem. Agora ele vai deitá-la sobre o tapete e saciar a sua fome selvagem. O que Cristina poderá fazer?

A fera agarra a bela que desmaia. E então - tchan, tchan, tchan...

SAFETY FILM

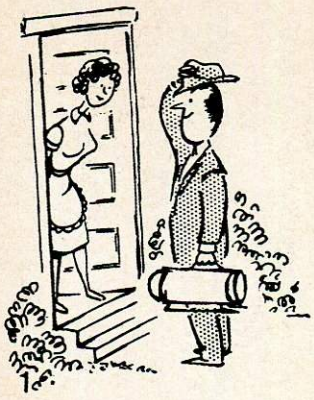
— Acontece que fizemos uma pequena modificação no roteiro — disse o diretor. — No momento em que parecia desacordada, Cristina estava procurando o ponto fraco da fera. Note que King-Kong já começa a ceder às suas carícias . . .

Mas o perigo ainda não desapareceu, os carinhos do gigantesco gorila são tempestuosos e brutais. Cristina nunca experimentara antes uma aventura assim. Conseguirá vencer? Conseguirá escapar? (Voltem na próxima página . . .)

SAFETY FILM

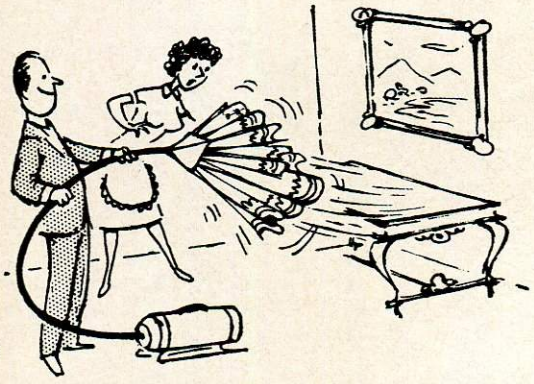
PRODUÇÃO/FERNANDO DE BARROS E LOU RANGEL. MAQUIAGEM/MARCELO. CABELEIREIRO/MARCOS, VOTRE BEAUTÉ, SP. LINGERIE/BRIDE'S HOUSE.

O VENDEDOR DE ASPIRADORES

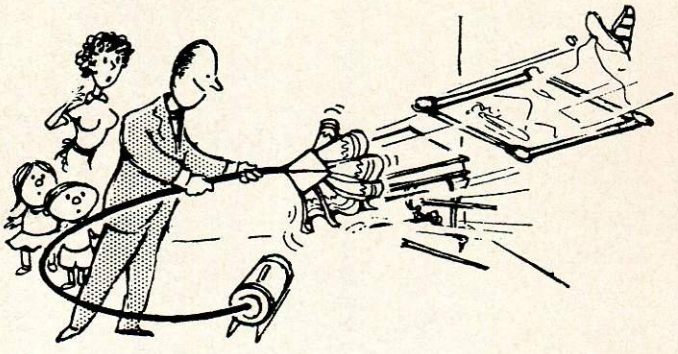


2

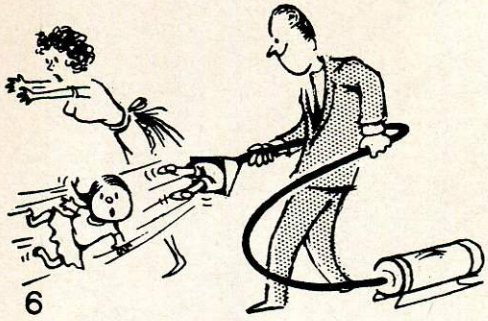
3



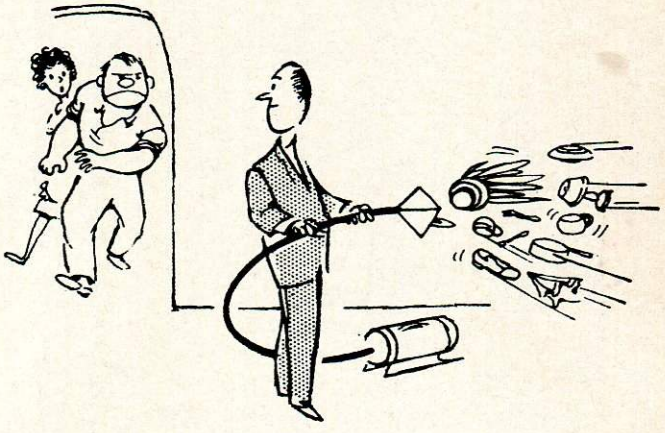
4



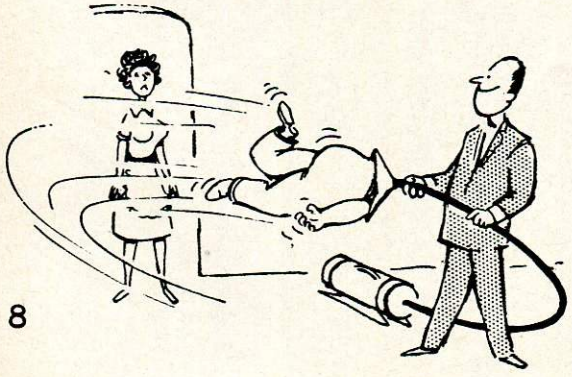
5



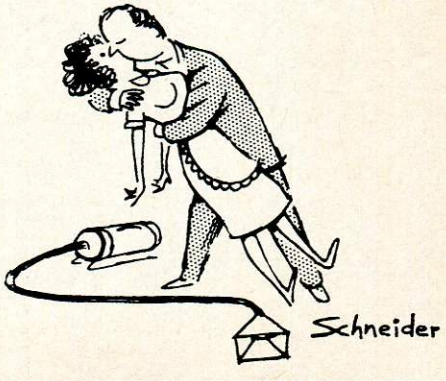
6



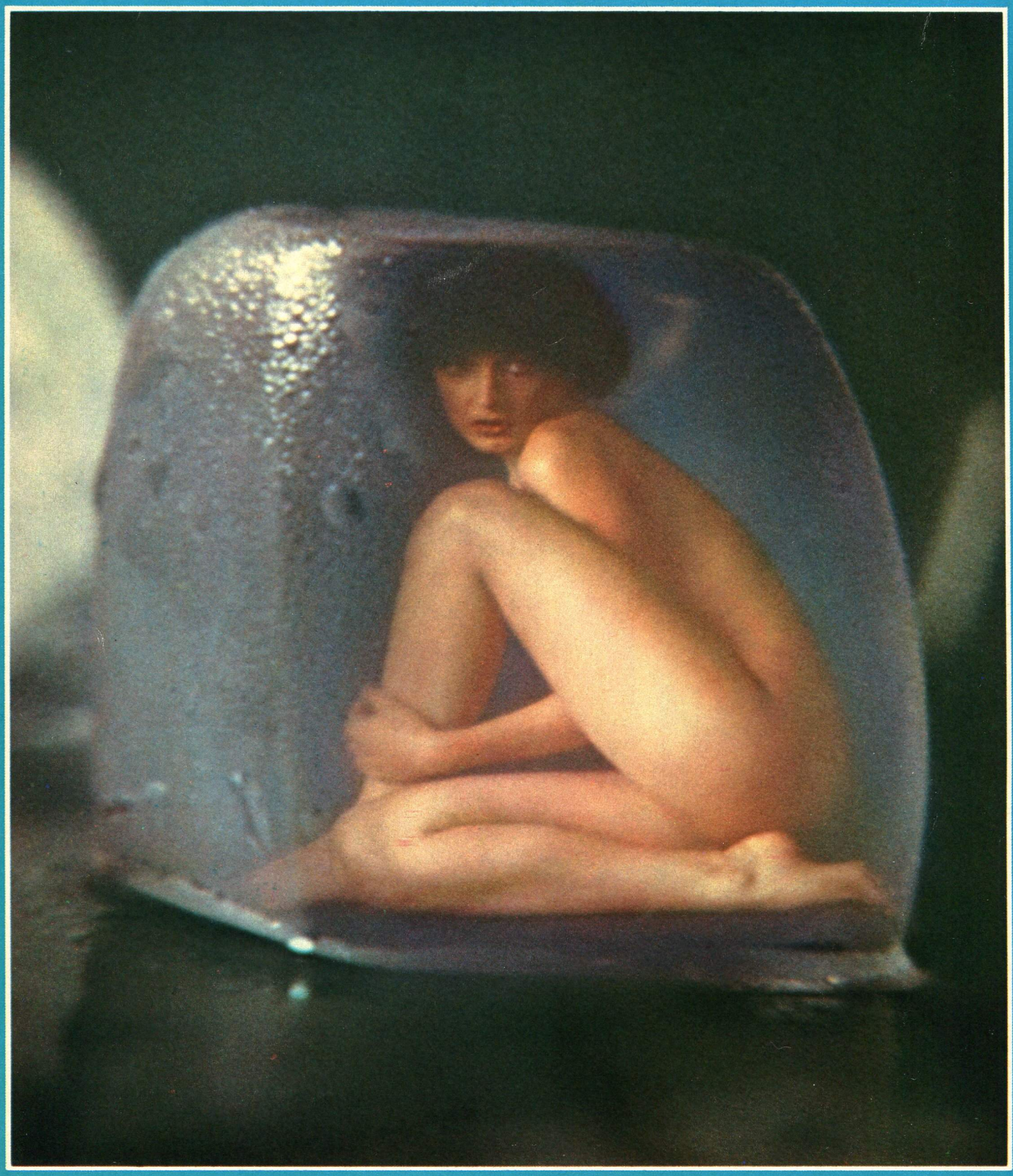
7



8



9



ARTIGO/FERNANDO CURY

NA FOTO AO LADO, UM VULCÃO

MAS ESTÁ ADORMECIDO, FRIO E DISTANTE. O QUE FAZER PARA DESPERTÁ-LO?

E agora vamos falar de um tipo de mulher com que todo homem acaba topando, pelo menos uma vez na vida: a *pedra de gelo*. A mulher distante, inatingível e — pelo menos na aparência — super-auto-suficiente, dando a impressão de que, já quando nasceu, não precisou nem de parteira (por que, então, haveria de precisar de *você?)*. A mulher segura, fria (e calculista?).

Ela é sempre linda, maravilhosamente linda (e nem poderia deixar de ser: primeiro, porque as feias não podem se dar ao luxo de construir uma fortaleza em torno delas e, segundo, porque esta revista aqui não perde tempo com mulheres que não preencham requisitos mínimos de publicabilidade). E tem, geralmente, o nariz arrebitado, apontando para o alto, dando a você a impressão de que tem preocupações mais elevadas ocupando sua bela cabecinha, não podendo, pois, estar atenta ao que ocorre nas baixas altitudes em que você se encontra.

Quando na praia, permanece horas ao sol e de olhos fechados — e, assim, faz com que todos creiam que ela não está absolutamente interessada em nada e em ninguém que esteja à sua volta. E mais: não fosse o evidente perigo a que essa atitude conduziria, ela talvez ficasse *permanentemente* de olhos fechados.

Quando você conhece uma mulher assim, sente-se como se ela estivesse lá na pontinha do Everest, e você, alpinista principiante, nas faldas do Himalaia, quase desanimado ante a necessidade de, querendo atingir a moça, ter de passar por cima de tanto gelo.

Pois não desanime. Afinal, você já tomou uísque on the rocks ("the brazilian way", como diz o David Niven), e pôde observar a doce alegria da pedra de gelo, derretendo-se toda, devagarinho, ao sentir a mistura perfeita que faz com um bom scotch. No fundo, o que toda pedra de gelo quer é isso mesmo: derreter-se, dignamente. Conforme vamos demonstrar.

Armadura covarde — Ao contrário do que parece, a muralha (ou o véu, a cortina, o abismo e outras metáforas gastas pelos poetas apaixonados para descrever as dificuldades de acesso a essas intangíveis donzelas) por ela construída, muito mais do que um impedimento para que você entre, significa um obstáculo para que *ela não saia*. E por que ela teria criado esse obstáculo? Por que não quereria sair desse castelo encantado?

Em primeiro lugar, por *medo*. Medo de se envolver, medo de fazer algum papel ridículo, medo de se revelar, de permitir que os outros descubram como ela é na verdade. Em segundo lugar, por *desconfiança* — que é também resultante do medo. Seja por que razão for (um pai terrivelmente opressor, que tenha destruído a vida da mãe dela, por exemplo), a verdade é que a moça *desconfia* dos homens, além de ter medo

FOTO/ANTÔNIO CARLOS RODRIGUES

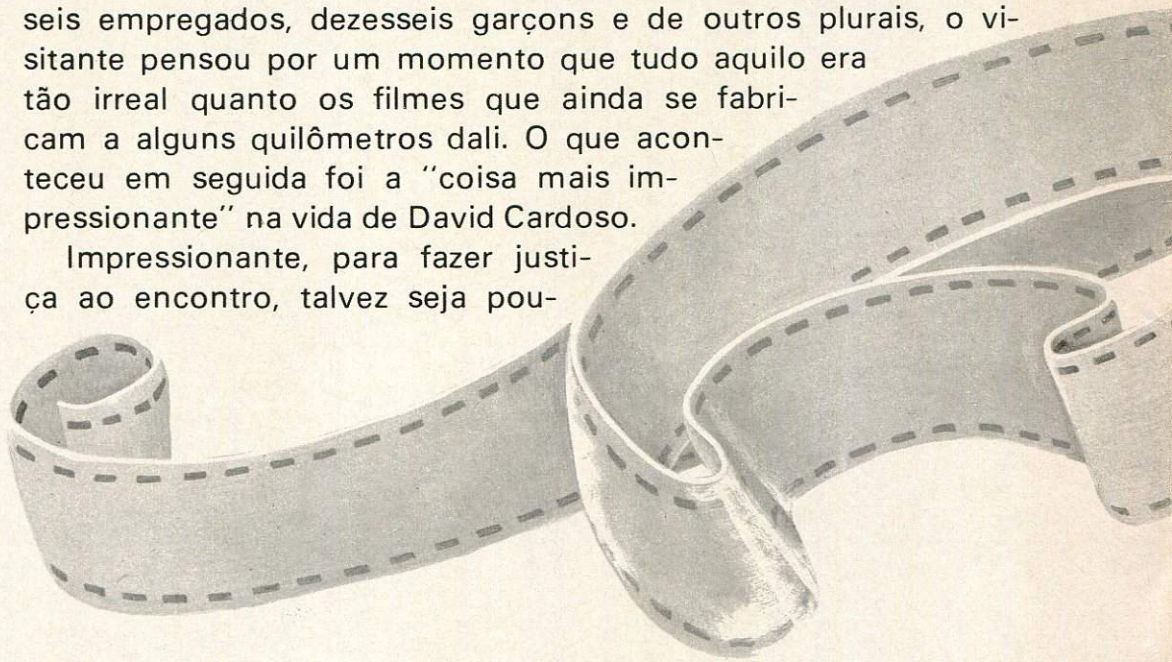
– Ai que saco! Precisamos bolar uma brincadeira mais excitante para a próxima festa!

DAVID CARDOSO, O NOVO REI DAS TELAS

SUA RECEITA: EROTISMO, VIOLÊNCIA, AVENTURA E CONTABILIDADE

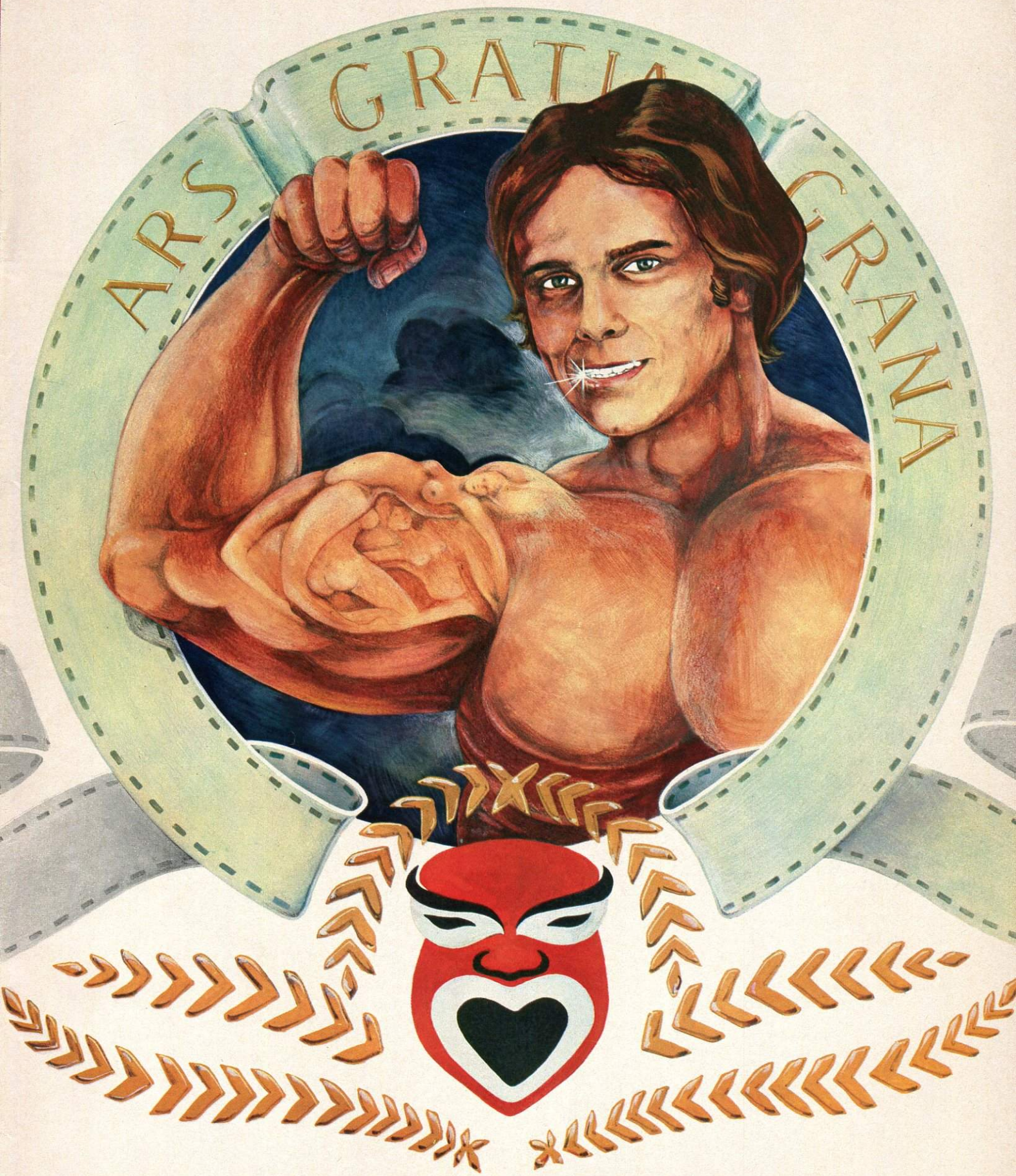
Partindo de Maracaju, a 150 quilômetros de Campo Grande, em Mato Grosso, David Cardoso demorou dezessete anos e 39 filmes para chegar ao outro lado do mundo. Quando ele galgou a mais alta das mansões de Beverly Hills, em maio último, rumo a um encontro com o mais poderoso chefão acastelado no bairro-dormitório de Hollywood, levava debaixo dos braços discos de Martinho da Vila e de Jorge Ben. Eram lembranças singelas, sem dúvida, mas que outras poderiam ser ofertadas naquelas circunstâncias? Entrando na mansão de dezesseis quartos, dezesseis empregados, dezesseis garçons e de outros plurais, o visitante pensou por um momento que tudo aquilo era tão irreal quanto os filmes que ainda se fabricam a alguns quilômetros dali. O que aconteceu em seguida foi a "coisa mais impressionante" na vida de David Cardoso.

Impressionante, para fazer justiça ao encontro, talvez seja pou-



PERFIL/GERALDO MAYRINK

ILUSTRAÇÃO/NATANAEL DE OLIVEIRA


ARS GRATIA GRANA

GERALDO MAYRINK, *35 anos, mineiro de Juiz de Fora, não é exatamente um especialista em artistas de cinema – aliás, como faz questão de dizer, não é especialista em coisa alguma. No entanto, ao longo de dezessete anos como repórter e redator no* Diário de Minas, *de Belo Horizonte,* O Globo, Diário Carioca *e* Jornal do Brasil, *no Rio, e finalmente como editor de* Veja, *em São Paulo, ele escreveu algumas dezenas de críticas de filmes que lhe deram alguma intimidade com o assunto. Bastante, diz ele, para encerrar voluntariamente sua atividade de crítico, em 1973, seis anos depois de um abalo do qual não se recuperou inteiramente: ao atribuir uma bola preta ao filme* Os Sete Samurais, *no* Jornal do Brasil, *conseguiu despertar mais ódios e ressentimentos entre os leitores do que qualquer um dos seus escritos, hoje guardados numa volumosa e esquecida pasta de fundo de gaveta. "Para que quebrar a cabeça, e talvez a cabeça dos leitores, se o público é tão preguiçoso que dá mais atenção a um sinal gráfico, uma bolota preta, do que aos textos dos críticos?", perguntou-se ele, sem obter resposta.*

Nesta reportagem para **Homem,** *Geraldo volta, de certa forma, a falar de cinema, mas sem quebrar a sua ou a cabeça alheia. "Isto seria impossível", diz ele, "em se tratando de David Cardoso, cujos filmes não podem ser alvejados com bolas pretas mas apenas avaliados em função do saldo em caixa."*

DE LAURENTIIS ACIONOU UM PEDAL. E O UÍSQUE JORROU DA BOCA DOS LEÕES

co. Durante treze horas, o ator-produtor-diretor de *19 Mulheres e um Homem* passou para o produtor de *King-Kong,* Dino de Laurentiis, um documentário de sua autoria rodado no Pantanal de Mato Grosso, repleto de sucuris, onças, rios portentosos.

Sentado na sua poltrona, ou como quer que se chame o veículo que se locomovia pela sala, comandado por botões e oferecendo ao espectador a possibilidade de ver a tela de vários ângulos, Dino de Laurentiis retribuiu com um espetáculo não menos deslumbrante para os olhos de David Cardoso. O lugar todo, comentava-se ante a mudez diáfana da anfitriã Silvana Mangano, e o interesse esportivo do filho do dono da casa, Federico, custara 3 milhões de dólares — isto é, tanto quanto a produção do esplêndido orangotango ora em exibição em todo o mundo. E, apesar da frota de garçons uniformizados, nenhum deles apareceu para servir bebidas. Dino de Laurentiis tinha, também para isso, uma surpresa reservada a sua reduzida platéia. Federico caminhou na direção de dois leões de mármore, de 1,20 m de altura cada um, colocou os pés junto às patas dos bichos e acionou um pedal. O uísque então jorrou para os copos que ele segurava junto às bocas dos dois reis dos animais.

De volta à realidade — Sentado na sua imóvel poltrona cinzenta, de onde chefia as operações da Dacar Produções Cinematográficas, David Cardoso está de volta à realidade — ou quase. Ali, numa casa de dois andares, onze quartos, alugada por Cr$ 4 200 mensais, no bairro dos Campos Elísios, entre a estação rodoviária e uma estação ferroviária, David relembra sua oitava viagem a Hollywood e os progressos que tem feito na perseguição aos mitos de sua infância.

É um lugar extraordinariamente representativo de quem o habita — a começar pela presença de um cofre enfeitado com a fotografia de uma mulher com os seios à mostra. Não é apenas por gosto, por exemplo, que um grande retrato de Marlon Brando em *O Poderoso Chefão* está pendurado na parede, bem acima da cabeça de David Cardoso, como não é nenhuma coincidência a imaginária edição do jornal *Hollywood Evening Star,* pregada num quadro, gritando uma manchete de sonhos: "David Cardoso to Star with Marlon Brando" Como símbolo de tudo, de bom e de mau, que Hollywood produziu para rechear as fantasias dos meninos de todo o mundo, Marlon Brando é uma presença até natural naquele congestionado escritório na capital de São Paulo.

Pois é dali, segundo as ordens do chefão David Cardoso, que vem saindo, à média de um por ano, alguns dos mais ressonantes sucessos de bilheteria do cinema brasileiro. São filmes como *Amadas e Violentadas* (que em São Paulo, quem diria!, rendeu mais que *O Poderoso Chefão,* arrecadando Cr$ 1,2 milhão em seis semanas), por exemplo, que estão fazendo de David Cardoso uma esperança, se não do cinema nacional, pelo menos do grupo fixo de onze profissionais (aumentado para 40 ou 50 em épocas de filmagens) que ali ganham o pão de cada dia.

A quinta e mais recente produção da casa, *19 Mulheres e um Homem,* atualmente em exibição em grande circuito nacional, traz finalmente a marca de David como diretor. Ele não apenas teve a idéia original da história como faz o papel do homem do título, riquíssimo dono de uma empresa de ônibus que, por puro divertimento, pilota um dos seus veículos rumo a Mato Grosso (onde David nasceu) levando 19 universitárias da Faculdade de Direito de Guarulhos (onde ele cursa o terceiro ano). Autor e ator, David também pagou a conta desta viagem, Cr$ 2 milhões, tirados do próprio bolso e vindos dos quatro filmes anteriores produzidos pela Dacar. "É meu grito de independência" confia ele.

Sonho infantil — Esta independência, como se verá no fim da história, pode ter conseqüências notáveis, se não para o cinema brasileiro, pelo menos para o próprio David Cardoso. Pois ela será a prova que não foi em vão que o pequeno David, filho do dono de uma loja de ferragens em Maracaju, usava bigode postiço e outros disfarces para se embriagar nos filmes que lhe eram proibidos. Todos os filmes de Marlon Brando, todos os filmes de James Dean, todos os filmes de Pat Boone, vistos no mínimo duas vezes, gravaram-se para sempre no fundo do seu coração, onde logo palpitou o sonho de ser artista. Não foi em vão, também, que desde pequeno ele seguiu à risca o conselho paterno: "Se quiser ser artista, não fume, não beba e faça ginástica" Hoje, aos 33 anos, David ostenta

do alto do seu 1,76 m um sorriso de comercial de dentifrício e pesa os mesmos 73 quilos de quinze anos atrás. Mas gosta de beber — não, é claro, nas proporções leoninas servidas na mansão de Beverly Hills — e procura compensar este estufante prazer com uma, duas horas diárias de exercícios físicos. Não é por coincidência, também, que ele mora na própria sede da empresa, num pequeno apartamento de solteiro onde os drinques são oferecidos pelo próprio anfitrião, tirados de garrafas normais, e onde se exibe, em 16 mm, as fitas produzidas pela Dacar. Como o cinema foi a sua primeira e única obsessão, ele programou sua vida para tentar ser, na tela ou fora dela, tão bom quanto seus ídolos.

Assim, David conseguiu bater alguns recordes. Viu *Lawrence da Arábia* dezoito vezes, *Vidas Amargas* quinze vezes, *2001* nove vezes. Em 17 dias de Nova York, em maio, achou tempo para assistir a 49 filmes. Sua conversa de treze horas com Dino de Laurentiis, portanto, deve ter sido para ele mais que um prazer.

As longas jornadas de trabalho de modo algum parecem abatê-lo. Acorda entre 5 e 6 horas da manhã e vai dormir quase na hora de levantar — 1 ou 2 da manhã, depois de passar por alguma churrascaria "limpa e tranqüila" como ele gosta. À tarde, está tão bem posto e arrumado, nos ternos bem cortados do produtor que decide e ordena, como de manhã, quando guia o seu Chevette branco, atado num cinto de segurança, rumo à faculdade em Guarulhos. David adora cintos de segurança. "Se estas coisas existem, é para serem usadas" pondera ele. Por isso não entra em táxi que não tenha cinto de segurança. Por isso ele admira tanto "o modo de vida americano" pragmático e voltado à eficiência. E, também por acreditar e colocar em prática a regra máxima do sucesso americano, o senso publicitário, ele dedicou ao seu *19 Mulheres e um Homem* um tratamento promocional superlativo. Fez vinte cópias do filme, para exibição simultânea em vários cinemas, mandou imprimir 4 mil cartazes e encomendou aos compositores Gabino Correia e Ronald Lark as músicas que compõem a trilha original do filme, investindo mais Cr$ 120 mil na produção de um LP que será vendido em lojas e portas de cinema.

Na pequena porta da produtora Dacar, enfim, um desses cartazes foi pregado semanas antes do filme entrar em cartaz. Ele mostra David Cardoso, torso nu, abraçado a uma das 19 mulheres do seu ônibus. Ela está inteiramente nua, mas quase não se nota.

Autodidata — Para um produtor especializado em misturar aventura, mortes, ação e duas dezenas de sugestões sensuais já no título, é uma proeza que seus filmes saiam inteiramente virgens das mãos dos censores. Mas saem. "Eu não posso errar, não posso perder dinheiro", repete ele, citando de cor as estatísticas da sua última produção: 1 600 quilômetros de viagens, 14 técnicos, 46 atores, 40 dias de filmagem. Três automóveis e um avião explodidos para reforçar o realismo. Catorze aviões voando rumo ao Pantanal para salvar David Cardoso e as sobreviventes de seu ônibus atacado por cinco facínoras fugidos da prisão.

Sílvio Santos, outro sorriso consagrado no país, patrão dos destinos de uma equipe várias vezes maior que a de David, viu o filme e gostou. Pelo menos é o que dá a entender seu comentário: "O filme não tem nada, mas me prendeu a atenção o tempo todo" É o único elogio que David gosta de ouvir.

Gosta de ouvir também, e não nega, o barulho da caixa registradora. E entre estes dois sons, do elogio de Sílvio Santos e de moedas soando, parece estar contido o segredo do sucesso de David Cardoso. Autodidata, ele aprendeu tudo que sabe sobre cinema trabalhando em incontáveis produções alheias, desde um documentário em sua terra natal, em 1962, e primeira aparição profissional em *O Lamparina,* de Mazzaroppi, no ano seguinte. Foi uma estréia tão discreta que o pai de David, trazido de Maracaju para a presumível emoção de ver o filho ingressando no mundo do cinema, teve que esperar uma outra sessão pois desviara o olhar da tela nos três ou quatro únicos segundos em que David sorria. Durante quatro anos, lembra hoje o então estreante, ele literalmente engraxou as botas de Mazzaroppi.

Modéstia à parte — Os futuros historiadores do cinema nacional ou, talvez, algum biógrafo de David Cardoso, encontrarão sinais mais visíveis de sua passagem pela sétima arte em *Noite Vazia,* de Walter Hugo Khoury, em 1964; em *Corpo Ardente,* também de Khoury, em 1966 (dois ou três minutos em cada um) e, principalmente, em *A Moreninha,* de Glauco Laurelli, em 1970, onde estrelava ao lado de outra engatinhante celebridade, Sônia Braga.

Àquela altura, porém, David já desvendara alguns dos segredos do mundo em que escolhera viver. Trabalhara como assistente de direção, continuidade, gerente de produção, diretor de produção, produtor executivo. "Modéstia à parte" desculpa-se David, "fui um dos melhores técnicos que já existiu em São Paulo." Nada mais natural, portanto, que fosse cuidar da sua vida. Em 1972, nasceu a Da (de David) car (de Cardoso), onde ele detém 90% das ações (as outras 10% ficaram com seu pai, que ainda mora em Maracaju).

Por que caem os cabelos?

Conheça também um método exclusivo de prevenção da calvície.

A causa mais comum

O Dr. Schwanek interessou-se pelo assunto, fez muitos estudos e formulou uma tese já comprovada por uma longa experiência.

Ele concluiu que a causa mais comum da calvície estava na deficiente irrigação sanguínea do couro cabeludo - quanto menor o fluxo sanguíneo, menor a alimentação recebida pelas raízes dos cabelos.

Conseqüentemente, os cabelos vão ficando debilitados e progressivamente atrofiados, até que a calvície se instala completamente.

Um tratamento rigorosamente científico

O Dr. Schwanek desenvolveu um tratamento preventivo que consiste na normalização do fluxo sanguíneo do couro cabeludo para revigorar as raízes, dando uma nova força aos cabelos debilitados.

Esse tratamento assemelha-se a uma "ginástica" - dispensa remédios, pomadas ou cirurgias.

Pode ser a solução para o seu caso.

Os Centros de Recuperação Capilar Schwanek têm especialistas que examinam o seu caso e dizem se o tratamento preventivo ainda pode dar resultado e se o método é realmente o mais indicado.

Quando se verifica que há possibilidades de recuperação, propõe-se o tratamento.

Uma demonstração de confiança no que se propõe.

Marque a sua consulta.

Uma providência agora, poderá se transformar numa iniciativa oportuna da qual você certamente não se arrependerá.

E se você não obtiver os resultados prognosticados pelos especialistas, dentro do prazo estipulado, vai receber de volta tudo o que já tiver pago, até o último centavo.

Procure logo o Centro de Recuperação Capilar e marque a sua consulta, escolhendo o horário que lhe for mais conveniente.

Quanto mais cedo você iniciar um tratamento, maiores serão as suas possibilidades de sucesso.

Schwanek

CENTRO DE RECUPERAÇÃO CAPILAR

Av. Brig. Faria Lima, 1106/1032 - 16º and.
Tel. 210-0162 - São Paulo

Desde então David Cardoso passou a trabalhar somente para si. Ele não esquece, por exemplo, que o seu cofre ornado com uma mulher pelada é mais que um símbolo eloqüente da sua empresa — dentro do cofre, infelizmente, jazem quase sem esperança de ressurreição cerca de Cr$ 75 mil em cheques sem fundos. Algo desencantado com o que descobriu por trás das telas, "muita desonestidade, muita gente roubando" ele começou a cobrar os juros de uma dedicação que até então não via reconhecida. "Eu sempre dei mais do que recebi do cinema" magoa-se ele. "Por isso, aquela aura, aquela gana de ver dezoito vezes um filme, acabou deteriorando um pouco." Trabalhar para si mesmo, de resto, foi a principal lição aprendida com o sábio caipira Mazzaroppi, ainda hoje o Rei Midas do cinema nacional. "Eu deixava de ir a festival, deixava de pegar mulher só para ficar tomando conta de um cavalo que na manhã seguinte não podia estar doente de jeito nenhum" orgulha-se ele. Essa dedicação foi imposta, firme mas educadamente, aos que hoje trabalham com David Cardoso. Durante as filmagens de *19 Mulheres e um Homem,* por exemplo, pelo menos duas atrizes foram "assassinadas" para que a equipe se livrasse delas — levantavam tarde, criavam caso, atrasavam o, digamos, organograma da produção. "Eu disse para elas que ia filmar o assassinato antes e no dia seguinte as cenas com elas vivas", conta David. Mas, uma vez mortas a tiros pelos facínoras, foram despachadas de volta à vida noturna de São Paulo, onde o produtor as havia recrutado.

Shazam! — Os cuidados de David se explicam. *19 Mulheres e um Homem,* afinal, foi planejado para fazer a Dacar uma empresa ainda maior e principalmente para provar às platéias que as concepções de David Cardoso sobre o que seja o cinema estão corretas. As dez horas de material filmado foram reduzidas a 1 hora e 42 minutos, existem três mil "tomadas" (o que significa que dificilmente uma cena dura mais de um minuto) e a receita de ingredientes é a mais ampla possível: gente pulando de pára-quedas, carros, onça, jacaré, sucuri, crianças, mulheres, sexo. "Tudo que se possa imaginar eu pus no filme" diz David. "Talvez seja o melhor filme de aventuras já realizado no Brasil."

Salvo surpresas em contrário, as platéias têm dado razão à imodéstia do autor. Magnânimo, ele lotou um cinema de 2 500 lugares em Presidente Prudente (SP) e outro de mil em Campo Grande (MT), a Cr$ 50 o ingresso, e após as sessões prencheu dois cheques, um de Cr$ 52 mil, outro de Cr$ 50 mil, para doar a instituições de caridade. A platéia gostou, imagina David,

"EU NÃO FAÇO FILMES DE ARTE. NÃO POSSO PERDER DINHEIRO, NÃO POSSO"

porque o filme "prendeu" — e "prender" é a palavra-mágica, o "Shazam" do vocabulário técnico com que a Dacar procura conquistar público. E é de novo nos cinemas de Maracaju, muitos anos atrás, que se encontra uma explicação, nas frases evocadas pelo autor do filme: "É como naquelas fitas de capa-e-espada o cara luta três horas, mata o pai da moça porque ele era um assassino aí termina com a mocinha no meio do barco o negócio é não dar o que pensar não deixar que o espectador tente captar tudo, refletir na minha fita já vem tudo mastigado, o espectador só tem um espetáculo visualmente bem feito então é isso aí que eu quis fazer "

Ser aceito pelas platéias, em suma, é tudo o que pretende David Cardoso. Ele não coloca seus filmes em festivais, que classifica como "panelas" nem persegue elogios às eventuais qualidades artísticas ali contidas. "Eu não faço filmes de arte, não tenho esta intenção" diz ele. "Não tenho nada contra, mas não faço. Não posso perder dinheiro, não posso." No entanto, o que pensaria disso Marlon Brando? Não se sabe, mas David pelo menos tenta sempre que pode ouvir a opinião do mais célebre mastigador de palavras em atividade no momento. Em Hollywood, ainda em maio, ele teve uma experiência — menos impressionante que a da casa de Dino de Laurentiis — com Jocelyn Brando, irmã do astro, que infelizmente não pôde fazer nada para arrumar um encontro. Marlon, disse ela, estava naquele momento filmando em algum canto do mundo — e cobrando a bagatela de 5 milhões de dólares.

Cifras como esta, além do mais envolvendo Marlon Brando, têm o poder de abalar David Cardoso da cabeça aos sapatos. E, certamente pelo seu apego ao dinheiro, pela sua confessada disposição de ser um "Mazzaroppi no outro sentido" dentro do cinema brasileiro, é

INTERROMPA A CALVÍCIE!
Entenda o mecanismo do seu cabelo

e faça algo por ele.

HAIRSHINE, produto à base de ervas, regulariza as funções das glândulas sudoríparas e sebáceas; dissolve o colesterol na membrana das células que envolvem os folículos, ativando a circulação sanguínea.
Este processo interrompe a calvície eliminando a seborréia e a caspa, tornando os cabelos saudáveis e macios.

Reembolso Postal Envie este anúncio para J. C. LOPES, Cx. Postal 191 - SANTOS SP CEP. 11 100, com seu nome e endereço, CEP., Cidade e Estado Pague quando receber o HAIRSHINE (Cr$ 250,00).

Litomar

MANTEMOS DEPARTAMENTO DE CONSULTAS
ACEITAMOS REPRESENTAÇÕES PARA TODO O BRASIL

que ele introduziu uma outra palavra no seu vocabulário — "aprimorar". Ele está aprimorando seus conhecimentos de inglês e francês, está aprimorando o equipamento de sua empresa e, sempre para aprimorar seu campo de conhecimento, submete-se à rotina das aulas de Direito, embora saiba que jamais será um advogado. Experimentado na profissão de modelo, função que o levou a percorrer 105 cidades brasileiras, ele ainda acha que precisa também aprimorar o seu trato pessoal. "Eu me cuido pouco, lavo o cabelo com qualquer sabão, não faço unha, sou meio grosso neste aspecto" confessa ele. E, embora se considere um ator medíocre, "razoável, no máximo" ainda não encontrou tempo ou jeito para aprimorar sua linha de interpretação. Além de um rápido curso com o falecido professor Eugenio Kusnet, anos atrás, David só se arriscou a alguma coisa parecida com uma escola de arte dramática quando produziu, no ano passado, a peça *Os Homens,* sua única experiência no palco. Ali surgiram, lado a lado e em conflito, as duas personalidades de David, a do ator e a do produtor. O ator recebeu instruções para se deitar no chão, com o resto do elenco, para um exercício de sensibilização em que todos eles teriam que se imaginar sendo baratas. Após alguns minutos penosamente rastejados, o produtor levantou-se e ergue sua voz: "Vamos parar com isso e ensaiar de verdade"

E Marlon Brando, que já foi tido como o maior ator dos palcos americanos, o que pensaria de tal atitude? "Eu tenho certeza de que vou me decepcionar com ele" desconfia David. "Mas não interessa. Ele pode me cuspir na cara, fazer o que quiser, mas vou conhecê-lo."

Opera maxima — Foi essa determinação, naturalmente, que permitiu a David Cardoso ter hoje o que ele tem: uma fazenda de 300 hectares em Mato Grosso, três carros, um avião Cessna — mas também Cr$ 600 mil de dívidas bancárias, contraídas para reforçar o orçamento de *19 Mulheres e um Homem.* Segundo suas contas, porém, dentro de um ano ou dois, seu filme terá rendido algo em torno de Cr$ 6 milhões e então a Dacar estará instalada numa nova sede, no bairro da Barra Funda, onde David já localizou um palacete de vinte cômodos, de Cr$ 2 milhões e garagem para oito carros.

Nestes próximos dois anos, também, pelo menos mais duas produções Dacar estarão sendo exibidas no país, sempre dentro do espírito de "prender" que é a marca registrada da empresa. A primeira é a história de quatro mulheres e quatro homens viajando num barco pela costa brasileira, "digladiando-se e destruindo-se entre si" conforme

"MARLON BRANDO PODE ME CUSPIR, FAZER QUALQUER COISA, MAS EU VOU CONHECÊ-LO"

adiantava David, "meio na linha de *O Sol por Testemunha*" Outro será passado na Academia Militar das Agulhas Negras — que vê com simpatia o projeto —, contando as vicissitudes dos recrutas, alguns pobres, outros ricos, "mais ou menos na linha daqueles filmes de Pat Boone em West Point", segundo David pretende. A terceira, finalmente, será a sua *opera maxima: A Retirada da Laguna.*

Falar deste futuro superespetáculo provoca uma crescente euforia em David: serão precisos 3 mil soldados, 3 mil cavalos, milhares de figurantes — e um custo de pelo menos Cr$ 20 milhões, ao preço de hoje. Exigirá a ajuda do Exército, do governo de Mato Grosso e a presença de algum ator de fora, "que não seja caro demais" como por exemplo Robert Wagner, com quem David esteve recentemente em Palm Springs, na Califórnia. O roteiro já está em elaboração e deverá ser entregue a algum diretor também importado — segundo David, não existe no Brasil ninguém capaz de conduzir semelhante massa de gente e animais durante a longa marcha de sofrimento e miséria que marcou o célebre episódio da Guerra do Paraguai. "Meu Deus do Céu!" exclama, "se eu pudesse traria o Anthony Quinn as pessoas fugindo, cobras, a lepra, uns se comendo aos outros saem 2 mil homens, e chegam duzentos aquela coisa toda, triste, grandiosa, com fidelidade histórica um filme feito para ficar "

É como se David já estivesse vendo as cenas projetadas em tela panorâmica. Portanto, se o roteirista que escreve as tramas do até agora generoso destino de David Cardoso premiá-lo outra vez com um final feliz, é certo que daqui a mais três anos e mais três filmes ele poderá estar outra vez escalando a mais alta das mansões de Beverly Hills. E, desta vez, quem sabe, para uma conversa de igual para igual.

O homem ao quadrado 9
X
O homem ao zero 5

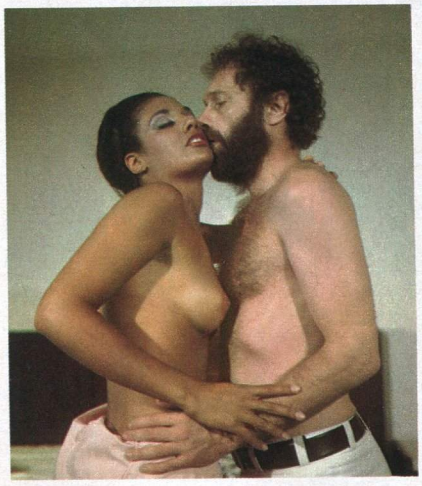
Leon Eliachar é o treinador ou melhor, o autor de **O homem ao quadrado** e **O homem ao zero** que disputam esse sensacional **match** de humor literário.
Você não pode perder.
A Francisco Alves é a responsável por tão renhida competição.
O homem ao quadrado vai goleando, está na 9.ª edição. **O homem ao zero** vem reagindo e está na 5.ª.
O placar, absolutamente, não espelha a realidade da partida. Ambos são bons. Você pode decidir a peleja.
Seja um juiz imparcial. Leia os dois.

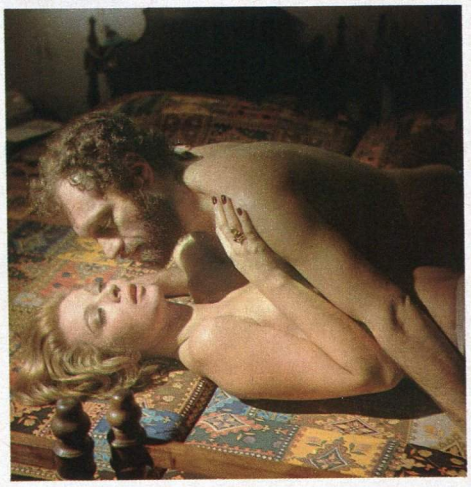
Jotaé

francisco alves

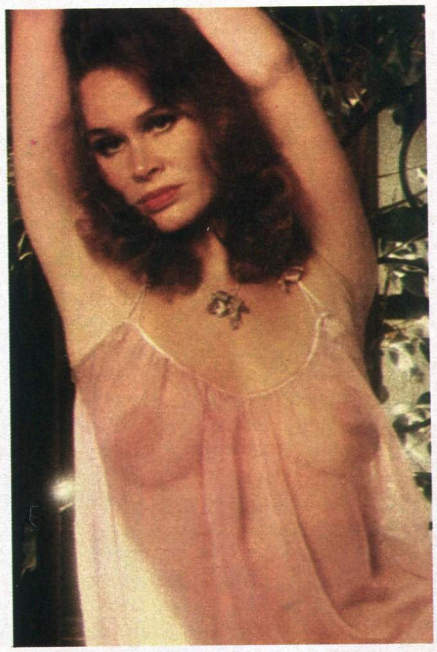
Rua Barão de Lucena, 43 — RJ. • Atendemos pelo Reembolso Postal.

Sexcinema

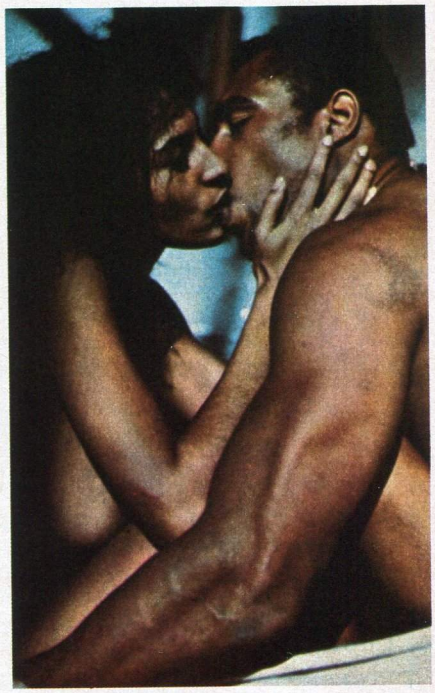




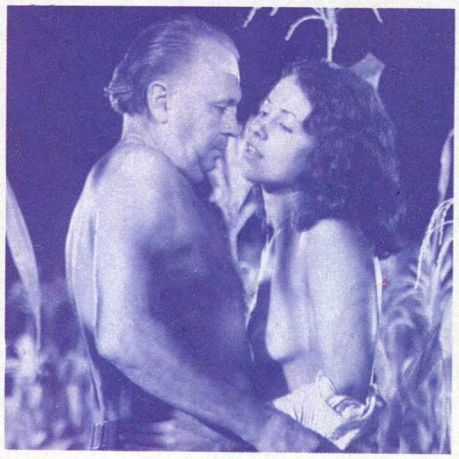
Paulo César Pereio deita e rola no seu novo filme, **As Loucuras de um Sedutor,** na personagem de um hábil costureiro das locomotivas, dondocas e panteras da sociedade carioca. No filme, Pereio demonstra ser versado em outras artes — além da costura — com Leda Arruda, a incrível Cristal e com Vera Giménez; ainda no elenco, as atrizes Marta Anderson, Betty Sadi e Yara Stein.



Karen Black (acima) virou uma estrela após *O Dia do Gafanhoto, Nashville,* etc. Ela agora está no novo Hitchcock, **A Family Plot.** Já Ken Norton ficou famoso ao bater em Mohammed Ali. No cinema, é o astro de **Drum** (abaixo).



Misty Rowe (à esquerda) é certamente a starlet de maior sorte em todo o cinema mundial: estreou já num papel principal e que papel! Nada menos que Marilyn Monroe, no filme **Good-bye Norma Jean,** um tributo à loura estrela dos anos 50-60. Misty fez um grande sucesso como MM e, quando se encontrava na Europa promovendo o filme, teve de abandonar a badalação e voltar urgente para Hollywood, chamada pelo famoso produtor Dino de Laurentiis: Misty Rowe fora escolhida para o papel-título em **A Rainha Cristina,** nova versão da história anteriormente interpretada por Greta Garbo. Sorte pelo visto não lhe falta. Depois disso tudo, Misty será uma estrela?



Aldine Miller tenta seduzir Sérgio Hingst em **Internato de Meninas Virgens.** Ela faz uma rica herdeira levada à prisão pelas maquinações de sua madrasta. Na cadeia enfrenta lésbicas, loucos e tarados.

Karin Schubert fez toneladas de filmes pouco expressivos na Alemanha e na Itália, mas agora sua sorte está mudando. Seu grande sucesso em *A Emmanuelle Negra,* onde fez uma garota bissexual, chamou a atenção de Francis Ford Coppola, o diretor de *O Poderoso Chefão.* E lá se foi Karin para as Filipinas filmar **Apocalypse Now,** no grande elenco liderado por Marlon Brando. Karin só esteve antes numa única superprodução, *O Barba Azul,* com Richard Burton.

Nas linhas do Passat a

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

beleza do nosso tempo.

Seus olhos não mentem. Ao ver o Passat, você vê toda a beleza do nosso tempo. A rara descoberta de um estilo único, inconfundível. A classe que coloca o Passat muito acima dos padrões comuns. É preciso ter o gosto apurado para identificar as concepções mais avançadas e inovadoras. Nunca os aspectos práticos - conforto, economia e segurança - foram envolvidos por tanta beleza. Deixe o seu bom gosto escolher o carro que você merece agora. Passat.

A marca que conhece o nosso chão.

Garanta o combustível de amanhã. Respeite os 80.

AS PIADAS DE HOMEM

Recém-saída da faculdade, a jovem e entusiasmada assistente social foi entrevistar uma das chamadas damas da noite:

— Diga-me — perguntou a moça —, a senhora tem alguma queixa quanto à vida que leva?

— Se tenho! — respondeu a prostituta. — Toda noite eu tenho que caçar uns dez marinheiros bêbados para arrastá-los até este quarto.

— Puxa, que coisa terrível!

— Você nem imagina, minha filha. Essas escadas estão acabando comigo!

O melhor vendedor de uma indústria de equipamentos pesados havia incluído em sua relação de despesas de viagem um item que dizia: "Cr$ 800 para mulheres" O gerente então mandou chamá-lo e disse:

— A firma não se importa em pagar certas despesas de nossos melhores vendedores. Sei que, de vez em quando, você precisa convidar um cliente para uma noitada. Mas procure ser mais discreto na prestação de contas. Esses gastos você deve incluir como "caçadas"

A partir daí, nas relações de despesas do vendedor, passaram a aparecer, com certa regularidade, itens que indicavam "Cr$ 800 para pagamento de caçadas" Até que, um dia, apresentou uma relação em que incluíra "Cr$ 2 000 para o conserto da espingarda"

•

Esposa é um ser que se dispõe a ajudar seu companheiro a resolver todos os problemas que ele não teria se tivesse continuado solteiro.

•

Numa noite de neblina, numa estrada perto de Belo Horizonte, um automóvel dirigido por um médico chocou-se contra outro, guiado por um advogado. Nenhum dos dois sabia precisar de quem fora a culpa, mas, como estivessem ainda aturdidos e nervosos pelo acidente, o advogado apanhou uma pequena garrafa de uísque no porta-luvas de seu carro e ofereceu um trago ao médico.

O doutor, com mãos trêmulas, pegou a garrafa e bebeu. Depois, passou-a ao advogado:

— O senhor não vai também beber um pouco para acalmar os nervos?

— Claro que vou — disse o advogado. — Mas só depois que a Patrulha Rodoviária chegar.

A figurinha voluptuosa fazia o seu check-up, quando o médico começou a apalpar seu seio nu.

— Você sabe por que estou fazendo isso, não sabe? — perguntou o doutor.

— Sei — respondeu a moça. — O senhor está verificando se eu estou com câncer no seio.

Entusiasmado, o médico passou a acariciar o estômago da garota.

— Sabe por que estou fazendo isso, não sabe?

— Sei, o senhor está verificando se eu não estou com apendicite.

A essa altura, o médico perdeu completamente o controle. Tirou a roupa e passou a fazer amor furiosamente com a moça.

— Sabe por que estou fazendo isso, não sabe?

— Sei — murmurou a garota. — O senhor está verificando se eu não estou com uma moléstia venérea, não é? Pois foi justamente por causa disso que vim me consultar.

•

À beira do lago, romântica, a noivinha perguntou:

— Querido, você vai continuar a me amar depois de nos casarmos?

— É claro, meu bem — respondeu ele prontamente. — Sempre me liguei em mulheres casadas!

Num sofisticado bar para executivos, um cavalheiro termina o seu terceiro uísque importado e pede sua conta ao barman.

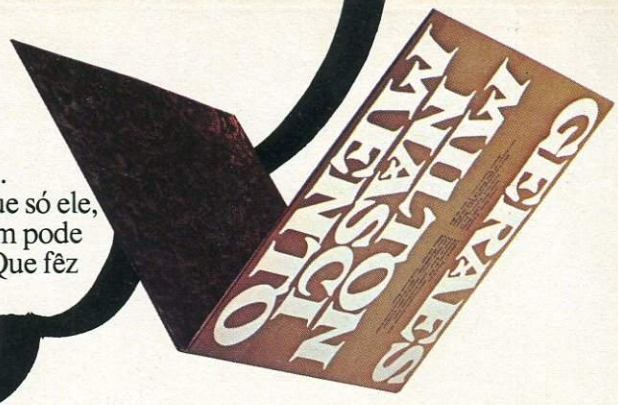
— Desculpe, mas acho que você se enganou — diz o cavalheiro depois de conferir a conta. — Eu tomei três uísques e você só está me cobrando três cruzeiros.

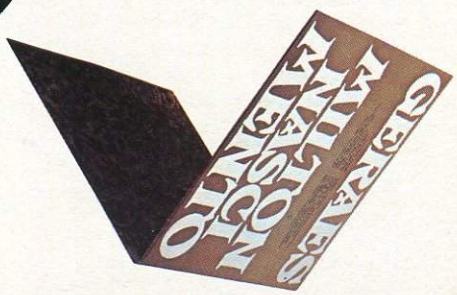
— Não há engano algum — diz o barman. — É esse o preço que venho cobrando de todos, desde que abrimos hoje.

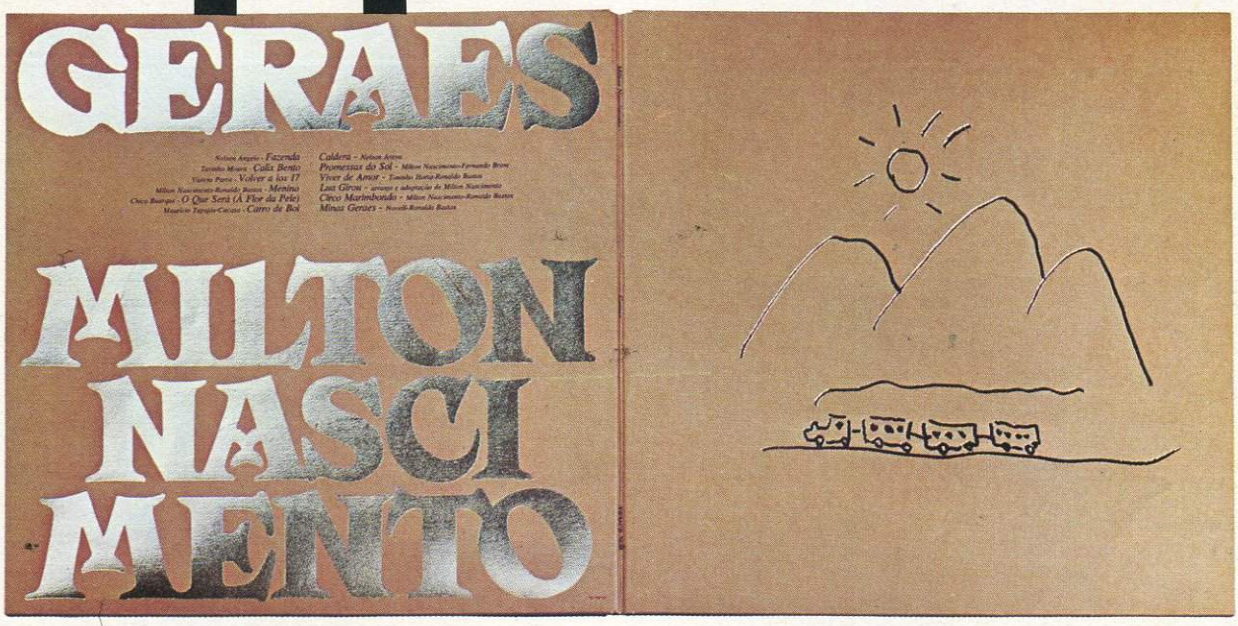
— Mas, cobrando o uísque a esse preço ridículo, como é que você consegue sustentar um bar como este? Por acaso você é o dono?

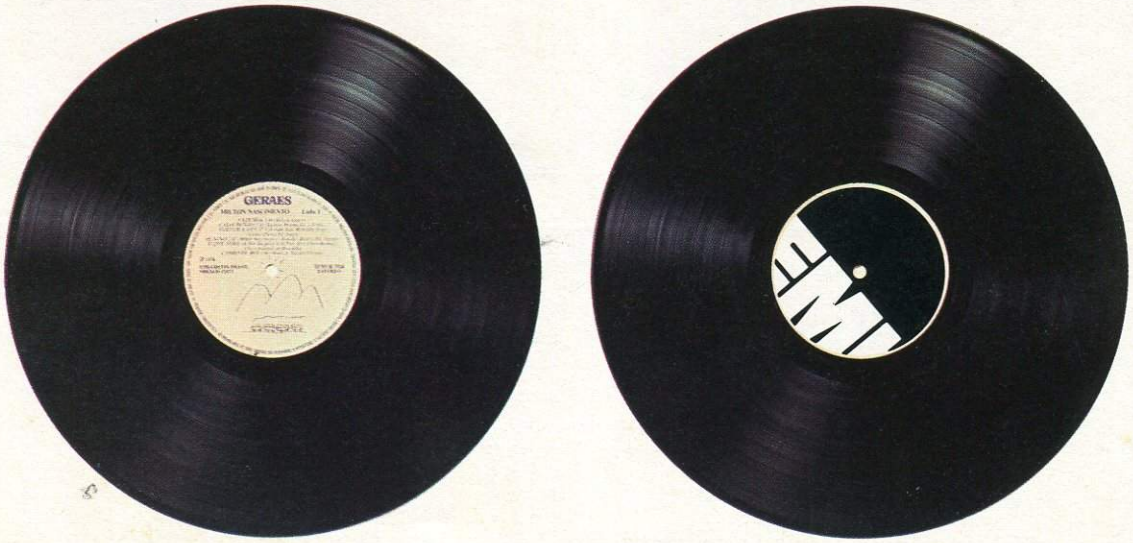
— Não — explica o barman. — O dono saiu com minha garota. E o mesmo que ele está fazendo a ela eu faço a ele, aqui no bar.

GERAES.
O novo álbum de Milton Nascimento.
O caminho é o de Minas, com panoramas que só ele, falando com canto, pode mostrar, e ninguém pode perder. Ele, que fêz O Milagre dos Peixes. Que fêz Minas. E que agora é GERAES.
Um novo momento da música popular brasileira, está à sua disposição, em discos e fitas, em todas as lojas de som.









O importante
é ter Charm!

Qualidade Souza Cruz

A REVISTA DO
HOMEM

A REVISTA DO HOMEM